



le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**  
*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin





**PROSAS**

**E**

**POESIAS.**



O LIVRO  
DE  
**MEUS AMORES**

POESIAS EROTICAS

DE  
*J. Horberto de Sousa Silva*

NATURAL DO RIO DE JANEIRO.

Cœur sans amour est un jardin sans fleur.

L. HALEVY.



NIC'THEROY.

TYP FLUMINENSE DE LOPES & C.<sup>a</sup>

LARGO MUNICIPAL N. 2.

—  
1849.



**A'**

**SUA ESPOSA**

**D. MARIA THEREZA DE SOUSA SILVA**

**D. O. G.**

**O AUCTOR.**

**Amores na terra e mais no ceo!**

**M. DE MARICA'.**



 TI, que os inspiraste, ó terna Armia,  
O vate que os compôz te offerta os versos,  
Os versos que cantou ao som da lyra  
Delirante de amor, de amor queixoso ;  
Nesses instantes de feliz ventura,  
Em que dourando da existencia as horas,  
Adoçando a aridez de seus tormentos,  
Vinha a dita colher em teus sorrisos,  
Vinha lêr seu destino em teus olhares,  
E interpretando em teus doces suspiros  
Phrases de amor, queixumes de ternura,  
O gozo, que é mortal, tornava eterno.

Mulher, anjo de amor, anjo sagrado,  
 Primor da criação, com que o Eterno  
 Poz remate ás sublimes maravilhas,  
 Que de um *fiat* seu ahí surgiram,  
 Olha a lyra sonora em teus altares,  
 Olha os ais, os suspiros como incenso  
 Que os nossos corações a ti enviam !  
 Ser vate e não cantar-te é ser rebelde  
 A' sabia lei que rege a natureza,  
 Sou teu ! — Sêl-o-hei sempre !— Desde o berço  
 Almos sorrisos, maternas affagos,  
 Ternos olhares me ensinar souberam  
 Humilde respeitar-te, e reverente  
 Render-te os cultos que te são devidos !

Esposa, amante, noiva de minha alma,  
 Consorte, por que o teu é o meu destino,  
 Baixa esses olhos divinaes ás laudas  
 DO LIVRO DOS AMORES ! Lê, lembra  
 Nossa paixão tam candida, tam pura !  
 Memóra instantes de prazer suave,  
 De ethereos gozos, placidas delicias !  
 Amor é sonho que ligeiro passa  
 No coração do amante e não do esposo,  
 Que eviterno com elle á sepultura  
 Vae para se extinguir — si lá se extingue,  
 Si além da vida amor não vae, não vive.

Cantei-te, ó minha esposa, dei-te o nome  
 De bella, que a modestia hoje te nega,  
 Que póde o amante, e que não ousa o esposo !  
 Cantei-te n'estes dias tam felizes,  
 Em que o coração se embriagava  
 De amor e de esperança, além vivendo  
 Entre illusões a vida do futuro  
 Mais doce, por que em fim em magos sonhos  
 Não cabem males só venturas cabem.

E' grato amar agora, mas eu gósto  
 Mais de amar no futuro ! E si cançado  
 Repouso entre teus braços carinhosos  
 Sonho novos amores, nova vida !  
 Amam-se as flores, nossos peitos se amam,  
 E nossas almas se amarão ainda !  
 E quem sabe em que astro ? Si vagando  
 Mesmo na terra á frouxa luz da lua,  
 A' margem de um ribeiro que murmura,  
 Juncto de moitas rebentando em flores ?  
 Quem sabe si fieis ás suas juras  
 Além as almas se unem, além respiram  
 Ligadas pelos laços seus eternos ?

Lembra-te um dia, quando fatigados  
 Ja de subir a encosta de alto monte (1)

(1) O Corcovado.

Calcando nuvens, sob os pés a terra,  
 Vimos dos homens os humildes tectos,  
 Negros ao rez do chão? Então a brisa  
 Era tam pura, nem odores tinha  
 Das virgens flores que ornam as florestas!  
 A sós nós nos lembravamos do mundo;  
 » Morremos, nos dicemos, e inda unidos  
 » Aqui amor logramos! Nossas almas  
 » Errantes vagam na amplidão dos ares,  
 » Como o condor que a terra desampara! »  
 Precaria a vida tão real nos éra,  
 Quando de opaca nuvem do occidente  
 Ribomba ameaçadora a tempestade,  
 E em nossos corações derrama o medo;  
 Tal a voz do Senhor no Paraizo  
 Quebra o delirio da paixão nascente,  
 D'entre os braços de Adão separa Eva.

Oh foi um sonho, mas as nossas almas  
 Se expandiram de amor na immensidade!  
 Sonhei, gozei da eternidade a vida;  
 Amei tambem no ceo! Si a amor se extingue,  
 Vive a esperança, novo amor existe!  
 Qual ao proscripto se afigura a patria,  
 E em querida visão os dias doura!

Amemo-nos no mundo do desterro,

Amemo-nos ; tambem virá o dia  
De amor mais puro na celeste patria !

Podessem nossas almas sempre unidas  
Junctas voar á etherea immensidade,  
Sem o longo pezar de atróz ausencia ;  
E á terra dando o que nos deu a terra,  
Deixar ao mundo á par de nossos nomes,  
Esta inscripção na lousa do sepulchro :  
“ Amaram-se na terra e no ceo s'amam ! ”  
Pendente do salgueiro que nos chore,  
Ou do verde cypreste esguío e triste,  
Que nos ensombre á luz do claro dia,  
Fique a lyra sonora que murmure  
Ao prepassar das auras ; sobre a campa  
Unidos corações nos symbolisem,  
Mostrem nossa união durante a vida.

Amemo-nos na patria do desterro !  
Suavissimos penhores da existencia,  
Talismans que nos deu o ceo benigno,  
Laços sagrados, vinculos mais fortes,  
Mais constantes, mais firmes, mais estreitos,  
Que protestos, que juras, nossos filhos,  
Leonor e Arthur, mais nos estreitam  
Legitimando nosso amor tam puro !

vij

Esposa, amante, noiva de minha alma,  
Consorte, por que o teu é o meu destino,  
Baixa esses olhos divinaes ás laudas  
Do LIVRO DOS AMORES ! N'um sorriso  
Dá-me alento a zombar do nescio zoilo.

28 de Junho de 1849.



**O LIVRO**  
**DE**  
**MEUS AMORES.**

**All is true.**

**SHAKSPEARE.**



**N**'este LIVRO DE MEUS AMORES, n'estas curtas e breves poesias eroticas, encerram-se as phases da existencia amorosa de um poeta.

São apenas fragmentos, que impossivel era reproduzir todas as visões, todos os sonhos, todos os delirios da fantasia.

Esse amor encarnado na poesia de sua alma, essa poesia emanada do amor de seu coração, essa transição de uma para outra, do sentir ideal ao sentir real, eis ahi as phases de seu amor.

A VISÃO é ficção poetica, é o ser ideal, concebido desde a infancia, é a necessidade de amar, é esse amor encarnado na poesia de sua alma.

O CARLINA é a transição do amor na poesia, para a poesia no amor; já não é uma ficção, nem um ser ideal, mas um amor real ainda cantado idealmente.

ARMIA é o amor, é essa poesia emanada do coração, é essa necessidade de cantar, de reproduzir os encantos de sua amada em seus versos, de eternisar a sua paixão.



A VISÃO foi o sonho de amor, que desvaneceu-se como o aroma do manaká; — era o coração que estava prompto para receber as impressões de amor; — era a fantasia, que as creava para embalal-o.

E ella era bella tanto quanto era dado imaginal-a, porque a mente que a creára para si não poderia conceber senão sob o aspecto de um anjo.

Era pura—como a alma ainda infantil,—como o coração ainda innocente de seu cantor.

E sua imagem, como errante e fugitiva sombra, em vão se lhe apresentava á fantasia ; elle a buscava por toda a parte, e em balde a buscava.

Era como a estrella que o marinheiro vê reflectir no espelho das ondas ; procura-a em terra, mas em vão (1).

Era como a flor que desabrocha cheia de encanto ; passamos, e seu aroma nos embriaga ; voltamos, e jaz ella esfolhada !

Era como a harmonia que ouvimos, e já ella extinguiu-se perdida no espaço.

E eis porque era ella leviana, insensivel ao poeta !

Quando porém a dôr o apunhalava, quando o pezar o retinha, immovel como a estatua do silencio, sua imagem era como o Iris na tormenta, como um raio de esperanza na desesperação, como um riso de vida nos mudos labios do moribundo.

Inteiras noites esse sonho do acordado acompanhava-lhe a alma em seus pensamentos ; seus membros adormecidos, entregavam-se ao repouso

(1) Allusão ao canto do *Marinheiro*, nos *Cantos de um Trovador*.

e seus olhos, como que voltados para dentro, ainda a viam !

E seu coração, esse não dormia, que velava elle para palpitar por ella.

Quantas vezes ao despertar erguiam-se-lhe os braços a abraçal-a, e como uma estrella que se desliza no espaço, sumia-se ella, e ficavam a sós com elle as trevas da noite !

Surda a seus labios, esquivava a seus braços, não o era á voz de sua alma, aos laços de seu coração.

De novo junto a elle, via e amava ; assim deixou de pintal-a esquivada, e entoou o canto do triumpho de seu amor.

Ah ! se chimerico o foi elle, tambem não o era o amor ? Tambem não o era ella ?

Mas ainda hoje, encanto, visão, imagem de um sonho fugitivo, ainda hoje toma-te elle por um lampejo do futuro.

Porque assim como sua alma, medindo a eternidade do passado, parece identificar-se com ella, crê-se filha do infinito, assim tambem quando viu

—aquella—, objecto depois de maiores amores, de mais ardentes idolatrias, elle disse : « Eu já a amava ».

E já a amava ! Amava-a desde que o amor despertou em seu coração ; amava-a desde que sua alma ideou-a ; amava-a desde que ella reproduziu-se em todos os seus sonhos de amador e de poeta.

Não, ella não foi uma chimera, uma illusão.

Não, elle não foi o vate de um amor ficticio.

Ella foi um lampejo do futuro, uma inspiração, um anjo.

Elle foi o propheta de seus amores !



O CARLINA nem existiu, nem deixou de existir :  
era um ser ideal, era um ser real.

Não era um amor lascivo, nem um amor puro ;  
foi a transição d'esse amor ideal, para o amor real,  
de um sonho, para a sua realidade.

Amou o poeta, e o Ocarlina foi o amor real, mas idealizado em suas poesias.

E que elle existiu, confessa-o o poeta, seu cantor ; mas que elle fosse real, tal qual se apresenta em seus cantos, isso é o que não póde fazer.

*Essa* das visões, cujo nome abençoado não é para dizer-se, explica-se ; *Armia* comprehende-se, mas *Ocarlina* é a historia mysteriosa de amores cujos episodios são todos ficticios. E' a realidade sob a apparencia de uma illusão.



*ARMIA* é o amor real, cantado como elle o foi ; é a *Nova vida* do poeta.

Votára-se elle a voluntario exilio, retirára-se de parentes, evitára amigos, entregando-se a sós com a sua alma aos sitios de sua infancia, á terra do berço e sepulchro de sua mãe.

Mas nem o tempo o consentiu, nem o coração pôde subjugar-se ao que era unicamente vontade de sua alma.

Assim, para logo sentiu-se elle sob o jugo da impressão de amor.

Sob o captivoiro d'aquella que víra pela primeira vez vestida de branco, com duas negras tranças a debruçarem-se-lhe pelos torneados hombros, como essa imagem que só víra em sonhos e visões.

E que noite, que era essa para semelhante apparição, para um tal encontro !

Brilhava a lua ; ardiam as fogueiras de S. João, elevavam-se mastros de flôres ; myriadas de estrelas brilhantes, *peregrinas*, e de mil côres semeavam-se pelo espaço, reflectindo-se no espelho das ondas adormecidas do lago (1) para logo desaparecerem.

Era noite de amor, de contentamento, de milagres e de magias.

E para elle foi de impressões, que completaram todas as paginas de sua existencia—o presente e o futuro.

Que dirá elle pois, mesquinho trovador, de seus amores ? Que amou, e compôz algumas trovas tam singelas como elles ?

(1) Da bahia Nictheroyense, que vista d'alguns logares, parece um lago.

Nas horas de ocio, que tam curtas foram ellas; em momentos de ausencia, que tam ligeiros foram elles, compunha, mais por desdem e desenfado, que por outra cousa, estes cantos de amor.

E eram elles postos em musica e cantados á noite em uma pequena reunião de familia, e entregues á pessoa a que pertenciam com as flores perdidas em um amoroso *écarté*, em que de boa vontade perdia e tornava a perder.

E assim iam com a noite dourando horas de tédio, e assim enchiam namorados e não namorados, amadores e não amadores, os instantes ociosos da vida, entretidos em jogar de maneira tam interessante para elles, que não para jogadores de profissão; e assim compunha quasi sem saber-o, esse poemeto de seus amores, mesquinho e acanhado em si mesmo, que não é elle a *Nova vida* de Dante.

Mas nem já haviam flores para perder, nem tempo para compor; entregaram-se ao seu destino; jogaram a ultima partida. Ganhou ella, que perdeu elle de boa vontade, e n'esse *envoltorio lacrado* (1) patenteou-se esse mysterio que por tanto

(1) Carta em que a pedia em casamento.

tempo fizera talvez palpitar de amor e de incerteza dous corações ardentes.

E com o novo dia, que nascendo, ouviu ainda a ultima pancada da pendula do relógio, o ultimo bago na ampulheta do tempo, que annunciava o expirar do dia que o precedeu, começou nova existencia.

E pois nem o trovador, nem a amante já existiam ; eram dous entes novos, que se haviam prestado mutuos juramentos de amor, e que a união indissolúvel sanccionára.

Porém a historia de seus amores, essa existia, que estava ella consignada em papelinhos perfumados, cheios de vinhetas coloridas, contendo os versos d'esses dias de namoro e noivado, que tam saudosos são idos, e encerrados como reliquias amorosas em um cabazinho fabricado primorosamente de cêra.

E reunidos segundo as suas datas, eil-os que se ligaram pelo pensamento.

Eis ahi a origem do *Livro de meus amores*, a historia d'estas poesias eroticas.

Nasceram como flores, como flores encantaram,  
e é de crer, que tenham também a duração de  
flores !...



# VISIONS.

Tiende mas de vaporosa sombra  
De infabile vision que de muger.

ZORILLA.



## A' AMOR.

**F**ELIZ o que adora e ama,  
Feliz o que ama e canta  
A belleza que o inflamma,  
Que o seduz, que terna o encanta.

Amor é sina que inspira  
No peito celeste flamma,  
Que tudo o que ahi respira  
Tarde ou cedo sempre ama.

O ser amado é ventura  
Que deseja ardentemente  
De uma virgem bella e pura,  
Quem de amor morrer se sente.

O' amor, amor! O' chamma,  
A' que tudo está sugeito,  
Já te sinto, que se inflamma  
Brandamente este meu peito.

Na aurora de nossa vida  
Tú és a brisa serena,  
Tam bella e sempre querida,  
Tam risonha e sempre amena.

A' tarde és o rijo vento,  
Qual tufão, que se desata,  
Que forte, que violento,  
Tudo prostra e arreбата.

A' noite és aura bonança  
Cheia de gratos odores,  
Que nos trazem á lembrança  
Jardim de mais bellas flores.

E antes, amor, qu'eu ame,  
Já a minha alma delira ;  
Antes, que todo me inflamme  
Já sôas na minha lyra !...



## ANJO OU MULHER?

Ah quel que soit ton nom, ton destin, ta patrie,  
O fille de la terre ou du divin séjour,  
Ah laisse-moi toute ma vie  
T'offrir mon culte e mon amour.

LAMARTINE.

**A**QUELLA que deve tornar-me ditoso,  
Que em meiga visão a ver se me dá,  
Que em sonho se mostra qual anjo radioso,  
Aonde é que existe, aonde é que está?

Na terra, nos mares, nos céos já busquei-a,  
Eu vi-a tam bella... corri, não a achei;  
Por ella saudoso, saudoso chamei-a,  
Ella respondeu... mas não a encontrei.

Humana deidade,  
Diva formosura,  
D'esta alma esperança,  
D'esta alma ventura,  
Serás tu visão ?

Raio do futuro,  
Apparição bella,  
Eu hei-de inda achal-a,  
Eu hei-de inda tel-a  
Juncto ao coração !

A flor será ella do valle querida,  
Ja alva, ja rosea, ja toda carmim ;  
Que murcha, que morre toda resequida,  
Si eu ousou colhel-a, si a quero p'ra mim ?

Será ella a estrella pura, coruscante,  
Que brilha entre os astros mais bellos do céo ;  
Porêm si eu a vejo, ja no mesmo instante  
Toldal-a la vem de nuvens um véo ?

Será ella a onda que s'ergue co' a brisa,  
Que vem sobre a praia aonde eu estou,  
Que foge, que torna, que la se desliza  
Em flores de espuma si após ella eu vou ?

Será ella a aragem em tarde calmosa  
Que passa e repassa odorosa qual flor,  
Que busco gozal-a, porê m desdenhosa  
Esquiva-se... e ao longe lhe ouço o rumor ?

Será ella a ave que meiga descanta  
Por entre estas flores si o dia la sahe,  
Que á ella me chego, porê m que se espanta,  
E logo emmudece, la fôge, la vae ?

Será ella o echo que la me responde,  
Eu corro p'ra elle, la chego, la 'stou ;  
Mas fôge-me o echo, distante se esconde ;  
Eu chamo, responde ; debalde la vou ?

Ou flor que se murcha,  
Ou estrella encoberta,  
Ou onda que expira  
De espuma coberta,  
Eu sei que ja a vi !

Ou aragem que passa  
E odores exhala,  
Ou ave que canta,  
Ou echo que falla,  
Eu sei que ja a ouvi !

A' noite, debaixo de um céu so de estrellas,  
Eu vejo uma sombra, qual tenue vapor ;  
De mim se aproxima com fórmãs tam bellas !  
Que a vejo, que a gozo isempto de horror.

De dia sua imagem gravada na mente  
Parece surgir radiosa ante mim,  
Estatica, immovel minha alma innocente  
Contempla, admira-a por tempo sem fim.

Eu amo, que vivo somente p'ra amal-a,  
Meu peito tam terno precisa de amar !  
Nas bellas que vejo não posso encontral-a,  
Na terra não é, aonde hei-de a achar ?

Ou sombra ou fantasma,  
Ou visão querida,  
Ou illusão d'alma,  
Ou sonho da vida,  
Ou seja o que quer,

Eu sei so que adoro,  
Eu sei so que amo,  
Eu sei so que prezo,  
Eu sei que me inflammo  
Por anjo ou mulher !

Apparição celeste, anjo, eu te adoro !  
Apparição de amor, mulher, eu te amo !  
Anjo benigno, attende o que te imploro !  
Mulher, vem a meus braços, que te chamo !





## SEU NOME ?

Sans nommer le nom qu'il faut bénir et taire.

SAINT-BEUVE.

**A**CASO as estrellas  
Do ceo não são bellas?  
Não gosto eu de vel-as  
Alvas como são ?  
Que importam seus nomes  
A meus tristes olhos?  
Seus nomes quaes são ?

No espaço nadando  
Mil mundos gyrando,  
O hymno entoando  
Vão da criação ;  
Que importam seus nomes  
A' gloria do Eterno ?  
Seus nomes quaes são ?

Não nascem mil flores,  
 Tam cheias de odores,  
 Que encantam horrores  
 Da propria soidão ?  
 Que importam seus nomes  
 Aos sitios que encantam ?  
 Seus nomes quaes são ?

As aves plumosas  
 Das selvas umbrosas  
 Não são amorosas  
 Na estiva estação ?  
 Que importam seus nomes  
 Aos ternos amores ?  
 Seus nomes quaes são ?

E essas torrentes  
 De bosques frondentes,  
 A' barbaras gentes  
 Tam uteis não são ?  
 Que importam seus nomes,  
 Que importam a ellas ?  
 Seus nomes quaes são ?

Basta p'ra amal-a, basta p'ra adoral-a  
 So este coração ;  
 Seu nome sabe-o elle, que lhe escuto  
 A cada pulsação !

## ILLUSÃO NO AMOR.

Assi vivimos entrambos  
En contrariedad opuesta,  
Tu mas dura que los montes,  
Yo mas firme que las penas.

GERALDO LOBO.

**A**MOR, amor, doce existencia  
Do coração,  
Quam grato es na terna ausencia  
Como illusão !

Outros ahi formam castellos  
Ao vento, ao ar,  
Os dias seus tornando bellos  
Com seu scismar.

Eu gózo amor ! — Sonho acordado  
 Doce illusão ;  
 Então não soffre acobardado  
 Meu coração.

Então a vejo n'estes braços  
 Surrindo amor,  
 Qual entre o tronco em ternos laços  
*Imbé* em flor.

Mulher gentil, eu—tam constante—  
 Sei adorar ;  
 No coração do firme amante  
 Tem ella altar.

Ao lado seu eu exp'rimento  
 Amor leal,  
 Mas so em mim—pois que lamento  
 Desdem fatal.

Si lhe dirijo os meus fallares  
 Nada me diz ;  
 No meu amor, nos meus olhares  
 Sou infeliz.

Vejo seus olhos scintillando  
 Mas sem ardor ;  
 Vejo—nas faces risos brincando  
 Mas não amor.

Vejo—seu collo alabastrino  
A palpitar ;  
Com o cabello de ouro fino  
Aurá brincar.

Vejo—sim, vejo, e esmoreço  
Cheio de dor,  
—Cheio de dor por que conheço  
Não ser de amor.

Eu quero amar essa belleza  
Mas não assim ;  
Quero-a tambem de amor acceza  
E so por mim.

Quero—que seja a seu amante  
Bem como a flor,  
Que desabrocha-se prestante  
Ao beijaflor.

Quero—que seja ao caro vate  
Firme no amar,  
Como a rocha que não a abate  
Em ira o mar.

Quero—que seja qual ser devêra  
Sem mais desdem,  
Como fiel ao tronco a hera  
Que o abraça e bem.

Quero—que seja mui constante  
Sempre p'ra mim ;  
Quero—sim, tel-a por amante  
Tempo sem fim.

Porêm em quanto desdenhosa  
E esquiva for,  
Quero a illusão boa, enganosa,  
Do meu amor.



## SONHO

O sonho é mentira,  
Não quero sonhar.

G. DIAS.

**E**u que idolatro  
Aerea amante,  
Sombra inconstante,  
Anjo ou mulher,  
Sonho que ella  
Por mim se inflamma,  
E que me ama,  
Deseja e quer !

Porêm sonhando  
Essa doçura,  
Essa ventura  
Gozar de amor,  
Sonho igualmente  
Que é tudo um sonho  
Duro, tristonho,  
E enganador !

Ah que nem provo  
De um sonho o gôsto  
Sem que o desgôsto  
Sinta oppressor ;  
Que até dormindo  
Ache motivo,  
Não lenitivo,  
A' minha dor !



## DEBALDE E' QUE A CHAMO!...

Nem ao menos o echo me responde!

C. M. DA COSTA.

**E**M horas ja mortas, da noite ao silencio,  
Sentado nas margens do lago formoso, (1)  
Eu via as estrellas brilhando nas aguas,  
E a lua arrastando seu véo vaporoso.

E o lago tam liso—tam bello—tam limpido  
Que nem o crystal, alli se mostrava;  
Os montes visinhos, as casas, as arvores,  
Immoveis, como eu, em si retratava.

(1) A pittoresca bahia de S. Lourenço de Maruhy, em Nictheroy.

E a brisa tam pura—tam grata—blandiflua  
O lago beijava e o lago surria ;  
Tremiam os montes, as casas, as arvores,  
E a brisa tam pura—tam grata—fugia.

E a brisa era um grato sussurro mellisono,  
E eu que pensava que alguém me fallava  
Ouvi o seu nome tam doce e harmonico  
No hymno da brisa, que ja espirava.

E o nome era grato, como um som melodico  
De frauta sonóra que longe resoa,  
Ou como um accento na abobada gothica  
Do órgam sagrado que grave reboa.

E o nome repito tam doce e harmonico,  
E logo a meu lado se erguendo, surgindo,  
Eis—anjo ou mulher—tam bella, tam placida,  
Que eu mudo a gozando, sumiu-se, fugindo !

E ora seu nome indago dos zéphyros,  
Procuo nas flores do vale que amo,  
Nas bellas da terra, nos anjos do Empyreo...  
De todo esqueci-o !.. Debalde é que a chamo !..



## SI E' ELLA...

..... Dans le ciel d'amour où ton âme est ravie,  
Je presse sur mon cœur un fantôme adoré !

LAMARTINE.

**B**u vejo nas aguas  
Estrella formosa  
Radosa  
Brilhar ;  
Si é ella, tam bella,  
E' ella que affaga  
A vaga  
Do mar.

Eu beijo esta rosa  
De rúbido seio,  
    Tam cheio  
    De odôr ;  
Si é ella, tam bella,  
Apago um desejo  
    N'um beijo  
    De amor.

Eu sinto esta brisa,  
Que cheia de odôres  
    Das flôres  
    Volveu ;  
Si é ella, tam bella,  
Ah ella o perfume  
    Resume  
    Do ceo !

Eu ouço esse écho  
Que as vozes repete,  
    Repete  
    Mui bem ;  
Se é ella, tam bella,  
Repita : « — Eu te amo,  
    « Eu te amo  
    « Tambem ! — »



## QUE FAREI POR TE ABRANDAR?

Porém ja vejo  
Que em meu delirio  
Para o martyrio  
So vivo estou.

ANTONIO JOSE'.

**S**i a vida é suave, si é um puro gôsto,  
E não um desgôsto  
Ao ente feliz ;  
E' duro tormento, tormento pezado  
A' quem o seu fado  
Prantêa infeliz.

Si a morte negreja , si ao longe apparece  
    Aquelle estremece  
    Passado de horror ;  
Mas este ja baldo de seu soffrimento  
    Appressa o momento  
    Da última dor.

Assim é que encontram outros mil doçuras,  
    Outros mil venturas  
    Na vida de amor ;  
E eu ? — Ah eu libo seu fel amargoso,  
    E desventuroso  
    Provo teu rigor !

Si a sorte ao inditoso meiga se abrandasse,  
    E grato gozasse  
    Da vida o prazer,  
Por certo que amando a vida ficára,  
    Que se horrorisára  
    De ter que morrer.

Assim, minha bella, não fosses tam díra ,  
    Que doce sentíra  
    Teu jugo cruel !  
Na taça dourada da grata existencia,  
    Por tua clemencia,  
    Sorveria mel.

Então, ah diria : « —Ja sou venturoso,  
« Ja do fado iroso  
« Victoria alcancei ,  
« Da bella, tam bella, soffri os rigores,  
« Porêm em favores  
« Por fim transformei. — »

Mas ai, o que faço, que quero, que almejo ?  
Tudo o que desejo  
Ah desejo em vão !  
· Infausta desgraça, cruenta verdade !  
Não realidade,  
Tu es so — visão !





**E' ELLA!**

**A CLARIDADE DA LUA.**

**A la clarté de la lune, j'entrevois une grande  
figure blanche penchée sur moi.**

**CHATEAUBRIAND.**

**Q**ue silencio !... Agora a lua  
Vae dubia luz derramando  
Entre estrellas caminhando  
Per esse anilado céu !  
Serena reveste a terra,  
De não sei que mago véo,  
Que apadrinha mil amores,  
Furtivos, doces favores  
De que quizera ser réo.

Vem agora... vem, ó virgem,  
Anjo de amor e esperança,  
Que se tudo ora descansa,  
Não descanso eu a esperar !  
Quando a terra envolvem trevas,  
Sem estrellas a brilhar,  
Que enchem tudo de pavores,  
A tudo transmitt'horrores,  
E' que eu gósto de scismar !

Mas agora... oh ! que tão meigo,  
Que tão gratissimo instante !  
Ditoso do vate amante  
Que póde a amante gozar !  
Quando a terra é duvidosa,  
Que a cinge frouxo luar,  
Quando a brisa exhala odores,  
Dorme tudo, até as flores,  
E' que eu gósto então de amar !

Vem agora, pois, ó virgem,  
Illusão doce e fagueira ;  
Olha a hora lisongeira,  
Vem teu vate consolar !...  
Envolve-te n'esse manto  
De frouxo, grato luar ;  
Per olhos traz-me as estrellas,  
Que vejo no céo tam bellas,  
Para n'ellas me atear !

Ah corre a estes meus braços,  
Desce á terra, ó minha amada;  
Vem sobre a lua sentada,  
Qual n'um carro de marfim !  
Vem com teus dentes de per'las,  
Vem com labios de rubim,  
Vem com essas tranças d'ouro,  
Vem com todo esse thesouro,  
Que possues so para mim !

E' ella !... Eis a tenue sombra  
Que de humano toma a fórma ;  
N'uma virgem se transforma  
De ardente e magico olhar !  
Oh que a terra é duvidosa  
Com esse frouxo luar !  
Oh que a brisa exhalã odores !  
Dorme tudo, até as flores...  
Agora gósto eu de amar !  
O' virgem ! ó virgem bella !  
Anjo de amor e esperanza !  
Quem me dera a segurança  
De jamais te ver fugir !  
Mas es sombra... e dentro em breve  
Vas no espaço te sumir ;  
Que não vejas no horizonte  
Per além d'aquelle monte  
Para nós o sol surgir !

Ah que á luz do sol te esquivas !  
A luz do sol não é bella ?  
Ou desmaias qual estrella  
Do ceo no mimoso anil ?  
Ou te desfazes qual sombra,  
Qual vapôr leve, subtil ?  
Ou es como ave nocturna,  
Que a esconder-se á luz diurna  
Busca a treva em seu covil ?

E nada dizes ? — E's muda ?  
Qual écho ja me fallaste !  
Qual brisa ja me affagaste,  
Que me vieste beijar !  
Estrella formosa e linda,  
Nas ondas te vi brilhar,  
E ja nas ondas mettido  
Vi-te o brilho esmorecido,  
Vi-te em sombras te occultar !

Si es musa — porque somente  
O fogo de amor derramas ?  
Porque tam somente inflammas  
Meu gelado coração ?  
Si es fada — aonde deixaste,  
Que te não vejo o condão ?  
Si es sombra — porque me enganas  
Com essas formas humanas  
Tam cheias de seducção ?

Si es lemure — esse teu rosto  
Tem um não sei que de vivo,  
De meigo tam expressivo,  
Que jamais inspira horror ;  
Si es anjo — tu tens de virgem  
Os donaires e o pudor ;  
Tens uns olhos columbinos  
Tam maganos, tam malignos,  
Que so me fallam de amor.

Si es virgem — então porque causa  
Tu me escutas impassivel ?  
Porque cruel, insensivel,  
Te mostras a meu amor ?  
E não ves que se ardo em febre  
Vem de ti todo esse ardor ?  
Que se meus olhos rutilam  
São porque os teus scintillam  
Com lume tam seductor ?

Es um amor no futuro...  
Do futuro es um lampejo,  
Que ardentemente desejo  
Ver fixa luz me luzir ;  
Pois quero p'ra todo o sempre  
Estes meus braços te abrir,  
E a fronte unida á tua fronte  
Ver d'além d'aquelle monte  
O sol para nós surgir !



## MAS DE TI O QUE E' QUE ESPERO?

Si perda la vita  
Finisca il martire ;  
E' meglio morire  
Che viver così.

METASTASIO.

**U**A na vida triste minha  
    Tam mesquinha,  
Um instante de doçura  
    De ventura  
    De esperança,  
    De bonança  
    E inquietação ;  
E' aquelle em que se inflamma  
    Todo em chamma  
So por ti meu coração.

Ha entre agros pensamentos  
E momentos  
Que me affligem noite e dia  
A porfia,  
— Um ditoso,  
Amoroso,  
Mas traidor ;  
— E' aquelle em que eu penso  
Que propenso  
E' teu peito a meu amor.

Ha entre ais tristes, carpidos,  
Tam doridos,  
Que continuo solto ao vento  
Em lamento  
— Um amado,  
Não gerado  
De pezar ;  
— E' aquelle que o ar cortando  
Vae gyrando,  
Té no teu peito espirar.

Ha no palpitar eterno,  
Sempre terno,  
D'este coração lanhado,  
Desgraçado,  
— Um sereno  
Todo pleno  
De prazer ;

— E' aquelle em que saudoso,  
E ancioso  
So por ti parece ser.

Ha nos meus turbados sonhos,  
Tam tristonhos,  
Que me azedam esta vida  
Abhorrecida,  
— Um fagueiro,  
Lisongeiro,  
Encantador ;  
— E' aquelle em que vos vejo,  
Qual desejo,  
Nos meus braços toda amor.

São por ti meus pensamentos,  
Meus momentos,  
Meus suspiros amorosos,  
Extremosos,  
E meu sonho ;  
— Tudo opponho  
A teu rigor ;  
Mas de ti o que é que espero ?  
— Desespéro  
D'esta vida — d'este amor !...





## AO LUAR.

But most to cheer the lover's lonely hours,  
Creative fancy wakes her magic pow'rs ;  
Most strongly pours, by ardent love refin'd,  
Her brightest visions on the youthful mind.

PEACOCK

 QUANTO é grato na terra o silencio !  
Quanto é bello esse frouxo luar !  
Qual veo vaporoso,  
Subtil, duvidoso,  
Tudo cobre—e convida á gozar !

Teus mysterios começam agora,  
Teus mysterios tam doces — amor ;  
Qual seva desejos,  
Qual rouba mil bejos,  
E eu não posso fruir tal favor !

Mas eu posso esta harpa vibrando  
Ver do ceo leve sombra baixar,  
    E toda radiante  
    Em rapido instante  
N'uma virgem ante mim se mudar.

Meus amores são puros amores !  
O'lho, vejo semblante gentil ;  
    Mas quero affagal-o...  
    Mas corro a beijal-o...  
Tudo esvae-se-me em sombra subtil !

— Póde ser que inda um dia me alente  
Esse halito—que é brisa, ou odor,  
    Pois que respirando  
    Vae ella exhalando  
Esse aroma que verte qual flor.

—Póde ser que inda um dia me espelhe  
N'esses olhos, estrellas do ceo,  
    Que bellas brilhando  
    La vão descambando,  
Envolvidas em lúcido véo.

— Póde ser que inda um dia eu escute  
Essa voz,—esse écho traidor,  
    Que tã̃m semelhante  
    Ao longe—distante,  
Trahe-me os sons—trahe-me os cantos de amor.

— Póde ser que inda um dia eu possua  
Juncto a mim esse anjo ou mulher ;  
    Que logre a ventura,  
    Que prove a doçura  
Qu'este peito em ardores mais quer.

Oh então seja a terra em silencio !  
Alvoreça esse frouxo luar,  
    E veo vaporoso,  
    Subtil, duvidoso,  
Meus amores venha apadrinhar !





## ADEUS!

Adio,  
Ricevet questi ultimi sospiri!

MARINI.

ADEUS astro! Adeus deidade!  
Adeus sonho! Adeus ficção!  
Quero amar uma beldade,  
Que não seja uma visão.

—Real ou não,—me encantaste  
Na innocencia da paixão;  
A ter amor me ensinaste  
Ao innoxio coração!

—Foste um sonho de ventura,  
Que a final se realisou,  
Que qual anjo de candura  
O ceo á terra enviou.

—Foste a nova Galathéa (1)  
Pintada nos versos meus ;  
Ah ! tanto na minha idéa  
Ficaram encantos teus !

E gostava contemplar-te  
Com ardente e magico olhar ;  
Ambicionava gozar-te  
Nas horas proprias de amar !

—E eras então a estrella  
Da vida que o ceo me deu,  
Brilhando tam pura e bella  
Lisongeiro ao fado meu !

—Eras o sonho dourado  
De meu triste adormecer ;  
—Eras o écho apartado  
Tam prompto a me responder !

—Eras a brisa, que vinha  
Juncto a mim a sussurrar ;

—Eras a flor, qu'eu tinha  
Ante mim para a gozar.

—Eras um doce perfume  
Juncto a mim a se exhalar,  
Como o halito de um nume,  
Que eu gostava de aspirar.

(1) A Galathéa de Pigmalção.

—Eras imagem fulgente  
 Que eu via resplandecer,  
 —Eras luz— eras um ente—  
 —Eras anjo— eras mulher !

E trazias a bonança  
 A' esta vida de dor,  
 E trazias a esperança  
 A' meu peito, á meu amor !

E gostava contemplar-te  
 Com árdente e magico olhar ;  
 Ambicionava gozar-te  
 Nas horas proprias de amar !

Mas adeus,—astro ou deidade !—  
 Mas adeus—sonho ou ficção !—  
 Amo, adoro uma beldade,  
 Não é mais uma visão !...

RIO DE JANEIRO, 1841.





# **OS BELJOS**

**Quantas vezes la n'esses aureos dias  
Em que foi para mim propicia a sorte,  
Contemplando-a, enlevado na beleza,  
Endeusado lhe roubava um beijo !  
Na face angelical então se viam  
Per entre a neve se surrindo rosas,  
Os labios seus então, seus rubros labios  
Brando e fagueiro lhes roçava um riso...**

**A. C. SOYDO.**



## OS BELJOS.

Enfant, si j'étais roi, je donnerai l'empire...  
Si j'étais Dieu, la terre et l'air avec les ondes,  
Les anjes, les demons courbés devant ma loi,  
Et le profond chaos aux entrailles fécondes,  
L'éternité, l'espace et les cieux et les mondes,  
Pour un baiser de toi !

VICTOR HUGO.

**N**os céos não rutilam á noite mil astros,  
E a luz sobre as aguas não vem resplender ?  
São bellos — mas eu so gósto de uns lumes,  
Que vejo n'uns olhos nos quaes hei de arder !

O sol não adorna de rosas seu berço,  
Que douram seus raios de mago luzir ?  
São lindas — mas eu so anhelô outras rosas,  
Que colho n'uns labios si vão a se abrir.

As aves não soltam suas vozes em hymno  
A' aurora serena em seu despertar?  
São gratas — mas eu so escuto outras vozes,  
Que juncto de mim costumam soar.

O mar não encerra nas conchas que róla  
As per'las famosas de doce fulgir?  
São ricas — mas eu so pretendo outras per'las  
N'uns dentes que mostram furtivo sorrir!

A planta rasteira que arrima-se ao tronco,  
Em laços de flores não vae o abraçar?  
São meigos — mas eu almejo outros laços  
N'uns braços que devem de amor me enlaçar!

Os zephyrosinhos não vão pelas flores  
Com beijos e ais seus affagos mostrar?  
São doces — mas eu não desejo outros beijos,  
Que os beijos que sabem de amor me inflammar.



## E AGORA SEI TUDO!

Amor es tormento,  
Querer es penar?  
Amad, amad,  
Porque amando se sabe  
Lo que es amar.

BOTELHO DE OLIVEIRA.



INDA innocente  
Perguntas fazia  
Sobre quanto ouvia  
Minha mãe fallar ;  
E eu lhe perguntava  
Si amor era gôsto,  
— Ou pena — ou desgôsto,  
— Ou dor — ou pezar.

Surria-se ella,  
E me respondia  
Que a hora viria  
De amor para mim ;  
Que no seu dominio  
Ser dita e ventura,  
Ou ser desventura  
Saberia emfim.

E eu esperando  
Vi dias ditosos,  
Alegres, mimosos,  
De pressa correr !  
E vendo teus olhos,  
E tua belleza,  
De amor e fineza  
Senti me vencer.

E agora sei tudo,  
Pois por minha sina,  
O' minha Ocarlina,  
Comecei de amar.  
Si um beijo me cedes  
Amor é ventura,  
Porêm desventura  
S'ousas m'o negar !



## O BEIJA FLOR.

O que es tu, meu beija flor?  
Por ventura não es ave?  
Serás mysterio de amor?

J. M. DE MACEDO.

**D**E teu ninho delicado,  
Fabricado  
De aurea paina com primor,  
Sahes de um vôo pressuroso,  
O' mimoso,  
Cambiante beija flor !

E não cantas nos raminhos  
Dos tronquinhos  
As canções e hymnos de amor,  
Mas ligeiro volitando  
Vaes beijando  
Ja uma, ja outra flor !

Es tu sylpho por ventura,  
 Que a doçura  
 Vas nas flores procurar?  
 E por que ja foram—bellas—  
 Te desvellas  
 Em lhe as petalas beijar?

Ah si visses n'umas faces  
 Mui vivaes  
 Rubras flores vecejar,  
 Ou em boca tam formosa  
 Nova rosa  
 Com sorrir desabrochar.

Não virias as florinhas,  
 Tam mesquinhas,  
 A afagar, de meu jardim,  
 Mas irias amoroso,  
 Pressuroso,  
 Ver tal rosa de rubim!

Mas, oh ceos!... Tem piedade!  
 Por piedade  
 Não me vas essa flor ver!  
 Que se acaso so te vejo  
 Dar-lhe um be'jo,  
 Ah de inveja hei de morrer!...



## E' TUDO UM FAVOR!

.... Il tuo disprezzo intendo!

METASTASIO.

Nada valem meus queixumes,  
Chóro, e ella me não cre!

ALVARENGA.

 minha Ocarlina, ó alma d'esta alma,  
A negra incerteza do peito me acalma,  
Abranda o rigor;  
Decide, meu anjo, d'esta triste sorte;  
—Ou dá-me ja vida,—ou dá-me ja morte!  
E' tudo um favor.

Ah d'esses teus labios um osculo ardente,  
Que meiga desprendas por mim tam somente,  
Vigor me dará:  
Mas ah! tu me negas, tu zombas, ingrata,  
E esse rigor—que afflige—que mata,  
Ah me matará!

De bella te agradam os altos louvores,  
Os versos de fama e gloria credores  
Do teu trovador,  
E não ves, ingrata, que é nulla a belleza  
N'um peito que iguala á rocha em dureza,  
A' rocha em rigor?

Pois bem me perguntem quem é que me inspira  
Os versos que canto ao som d'esta lyra,  
Que geme de dor ;  
Direi : “ — Uma estatua, que ardores não sente,  
“ Que não sente a chamma activa e ardente  
“ De um beijo de amor ! ”



## DESEJO.

E nem dormindo e nem desperto sóbe  
A mais o meu desejo.

GONZAGA.

**A**RDO, ó bella,  
N'um desejo  
De te um be'jo  
Offerecer,  
Mas receio  
A cada instante  
Louco amante  
Te offender.

Sim, receio...  
Mas as faces  
Mais vivaces  
São na côr...  
Oh que rosas  
Tam perfeitas!  
Que colheitas  
Para amor!

E o receio  
Se esvaece,  
Que recresse  
O desejar...  
E a esperança  
Que me alenta  
Mais se augmenta  
A me inspirar!...

Mas tu voltas  
O semblante  
N'um instante  
A me fugir ;  
Não me queres,  
Não me attendes ;  
So pretendes  
Me affligir !

Ves a abelha  
Que á rozeira  
Vae ligeira  
Osculo dar ?  
Eil-a toda  
De ventura  
E doçura  
A se fartar.

Ves as aves  
Que arrulhando  
E beijando  
La se estão ?  
Que doçura  
N'essa estreita  
Tam perfeita  
União !

Ves a brisa  
Sobre o lago  
Com que affago  
Se espraizou ?  
Oh nas agoas  
Que ventura,  
Que frescura  
Respirou !

Eu somente  
Desgraçado,  
Desprezado  
Sou de amor !  
Como é duro  
Meu destino !  
Que ferino  
E' teu rigor !





## O TEMOR DEIXA !

Non, le crime n'est pas si doux !

PARNY.

**T**u me recusas  
O que eu te peço,  
O que mereço  
Por meu amor,  
Tu me recusas  
Que osc'lo innocente  
Na face intente  
Cheio de ardor.

Pensas acaso  
Que é tudo um crime  
A que se exime  
Sempre a honradez?  
Pensas acaso  
Que um peito puro  
Torne-se impuro  
Por uma vez?

Não, pois que os crimes  
São sem doçura,  
Sem a ventura  
Que os beijos têm !  
Não pois, que os crimes  
Remorsos fazem,  
E jamais trazem  
Desejos cem.

O temor deixa  
A torpes peitos,  
Segue os preceitos  
Do justo Deus ,  
O temor deixa  
Que nos desune,  
E os labios une  
Aos labios meus !



## O QUE E' QUE PRETENDES ?

..... Isso não !

..... Isso sim !

ALVARENGA.



QUE é que pretendes

O' bem adorado,

De teu desgraçado

Singello cantor ?

Ah falla, meu anjo !

Do candido seio

Desterra o receio,

Desterra o temor !

O que é que pretendes

De quem so te aspira,

E por ti suspira

Que não obterás ?

Ah falla, meu anjo ;

Dize-me o que queres ,

Que mal que o disseres

Servida serás !

Queres que na lyra  
Entoe louvores  
Aos divos primores  
De tua lindez ?  
Em todo o universo,  
O' vida da vida,  
E' ja conhecida  
Tua gentilez !

Queres que te jure  
Que extremos de amante  
Mostrarei constante  
Para te alcançar ?  
O LIVRO DE AMORES  
Folheia um momento,  
Que meu juramento  
Deves n'elle achar !

Queres que te attenda,  
E que te obedeça ?  
Oh ceos que te esqueça ?  
Oh ceos isso não,  
Pois eu hei de ver-te,  
E não adorar-te,  
E não tributar-te  
Estima, affeição ?

Mas se queres, bella,  
Ver-me obediente  
Caso diferente  
Exige de mim !  
Queres que em teus labios  
Apague um desejo,  
Que te offerte um be'jo ?  
Oh ceos isso sim !...





## O NÃO-ME-DEIXE.

O' flor de alta fortuna!

RIOJA.

**T**u me recordas  
Sensações gratas,  
Tu me arrebatas  
Todo de amor,  
Quando te apérto  
Contra o meu peito,  
A dor affeito,  
O' linda flor.

Tu me recordas  
A lisongeira  
Noite ligeira  
De meu prazer ;  
Sôbre seu seio  
Voluptuoso,  
Terno, amoroso,  
Te fui colhêr.

Ella com olhos  
De san ternura,  
Toda candura  
Quer se expressar...  
Mas emmudece  
Que o não-me-deixe  
Diz que o não deixe  
Em seu fallar.

Pura e innocente,  
Toda formosa,  
Toda odorosa  
Dura sem fim,  
Recorda o peito  
Em que estiveste,  
E recebeste  
Um beijo assim !



## RESTITUIÇÃO.

Osculo ardente  
Lhe ouso roubar...  
E mil queixumes  
Ia a formar...  
Vou aplacal-a.

A. GARRET.

**Q**UE face rubicunda !  
Que olhar divino, que sorrir gracioso!  
Como és toda jucunda !  
Como eu ao lado teu sou tam ditoso !

Ah ! deixa que eu admirando  
Os teus labios de rubim  
Entreabertos, me mostrando  
Os teus dentes de marfim,

N'elles imprima cheio de innocencia  
Um meigo, um terno be'jo,  
Que me adoce os tormentos da existencia,  
Que me apague um desejo !

Um beijo, meu anjo,  
Um beijo innocente,  
Um beijo co' a mente  
Isempa de amor :  
Serei como o zephyro  
Por entre raminhos,  
Com doces carinhos  
Allagando a flor !

Oh que gôzo innocente !  
Oh que doçura ! Oh que prazer suave !  
Consente... sim consente !...  
Que novo beijo no teu seio grave !

Es anjo, mas o teu peito  
Si abrasa em fogos de amor ;  
Eu sinto todo o effeito  
Em teu olhar seductor !

Um beijo tam somente, alma querida,  
Um beijo tam somente  
Não nos dá vida, faz anhelar vida  
Mais doce, mais ardente.

Consente, meu anjo,  
No que mais desejo ;  
Ah deixa que um be'jo  
Te possa offertar !

Que n'esses teus labios  
Esta amarga vida,  
Ja tam abhorrida,  
Eu quero adoçar.

Deus, teus olhos são fogo !  
E a cor do pejo as faces te incendia !  
Perdão, perdão te rogo,  
Eu não sabia quanto te offendia.

A dêxtra me recusando  
Ah tu me estás a exprobar !  
De um mal, de um mal me accusando  
Nem te dignas de me olhar !

Ouve a minha alma que de amor suspira,  
Perdão eu so te peço,  
Por um momento so applaca a ira  
Escuta que o mereço :

—Si o beijo não queres,  
Que ha pouco offertei-te,  
E aos labios levei-te  
Tam cheio de amor,  
Restitue-me, ó bella,  
Com igual complacencia,  
Co'o mesma innocencia,  
A teu amador.



## NÃO SABIA O QUE ERA VIDA.

Tém de amor toda a doçura!

V. DA P. BRANCA.

**E**u, minha bella Ocarlina,  
Não sabia o que era vida,  
Que est'alma, por minha sina,  
Trazia de dor ferida.

Eu dizia : « — Esta existencia  
« E' de pranto e desventura ;  
« E' de mais conveniencia  
« Já baixar a sepultura. »

Mas vendo agora mudada  
A minha ferrenha sorte,  
Sinto a vida abreviada,  
E temo o podêr da morte.

E' que então eu existia  
Sem amores, sem venturas ;  
Ignorante — eu não sabia  
Que a vida tinha doçuras !

Que um olhar por si bastante  
Duros peitos captivava,  
Que o beijo de terna amante  
Mil delicias encerrava !



## AFUGENTA-ME AS MAGOAS!

..... Sem ti o mundo  
Duro deserto me parecia.

FERREIRA.



COLIBRIO formoso, que adejando  
Osculo doce imprime  
Em os seios das flores odorosas ;  
— A viração da noite,  
Que em brando lago, em que se espelha a lua,  
O adejo seu parando  
Oscúla a crystalina superficie ;  
— Ternos, meigos pombinhos,  
Que com trêmulo arrulhar se amimam, beijam,  
Seguindo obedientes  
A lei que lhes dictára a natureza,  
“ — Crescei, multiplicaee-vos,  
“ E os favores gozae que um Deus concede ! ”  
Ah que não tem por certo  
Esse garbo gentil, essa meiguice,  
E o lascivo abandono

Com que tu, doce encanto de minh'alma,  
 Imprimes es teus beijos ;  
 Não fruem a doçura que em teus labios  
 Electrisado encontro !

Sem vós o que seria d'esta vida ,  
 O' gozos da existencia ?  
 Um contínuo viver de males centos !  
 Perenne, escura noite,  
 Sem ver jamais no rubido oriente  
 Entre jasmims e rosas  
 Surrir-se a despontar sereno dia !  
 A existencia de morte !  
 — A vida do sepulchro e seus horrores  
 Sem dourada esperança !

Carinhosa Ocarlina, doce anjo  
 De amor, e de ventura,  
 Sem ti p'ra que quizera a triste vida ?  
 — Sem teus bellos sorrisos  
 A tristeza cruel não me deixára ;  
 Sem teus meigos abraços  
 Commoções de prazer nunca sentíra ;  
 — Sem teus suaves beijos  
 As doçuras de amor jamais provára ;  
 Sosinho sôbre a terra  
 Seria a ave que perdeu no ninho  
 O triste companheiro.

Riquissimas arêas, que revolvem  
Na tumida torrente  
Tantos de nossa patria ingentes rios,  
Deslisando-se ufanos,  
Não valem mais, ó candida Ocarlina,  
Que um mimo de teus labios ;  
Não dilatam´riquezas a existencia,  
E os beijos teus dam vida !

Vem pois, ó doce encanto de minh'alma,  
Essa tam bella rosa,  
Que na boca gentil te desabrocha  
Abrir juncto a meus labios ;  
Vem o osc'lo me dar, que amor inspira ;  
Affugenta-me as mágoas,  
E essa phalange d'asperos tormentos,  
Que continua me cerca ;  
E avesa-me a sentir essas delicias,  
Que a vida nos embalam !





## VENTURA.

..... Un baiser me rapelle à la vie.

FARNY.

**O** COLÍBRIO formoso  
No calice das flores,  
Tam brando quam mimoso,  
So frue vitaes licores.

O zephyro fagueiro  
As aguas osculando,  
Vae doce e prasenteiro  
A vida remoçando.

E eu que oscúlo a rosa,  
Que nos teus labios vejo,  
A vida saborosa  
Busco em furtado be'jo.

Colíbrío — eu consigo  
Gratissimos licores,  
E zephyro — mitigo  
Do peito igneos ardores.

Porém, ah ! mais ditoso,  
Além de alma doçura,  
Prazer celeste gózo,  
De amor provo a ventura !



## EIS O SIGNAL!

Quam ditoso o amante que espera  
O seu bem pela noite . . . . .  
Quando a noite desdobra o seu véo !

PORTO ALEGRE.



HORA SOA,  
Eis o signal !

Vem, minha amada,  
Por ti suspiro,  
E ver-te aspiro  
Sempre leal.

A hora soa,  
Eis o signal !

Hora propicia  
Tudo emmudece,  
Tudo adormece  
Poder lethal.

A hora soa,  
Eis o signal !

Propicia noite  
A teus favores,  
A meus amores  
E' sem igual.

A hora soa,  
Eis o signal !

Terna Ocarlina,  
Vem affagar-me ;  
Ah corre o dar-me  
Um prazer tal !

A hora soa,  
Eis o signal !



## CONSELHO.

Vuoi d'un labbro fidele  
Il consiglio ascoltar? . . .

METASTASIO.

**N**ão adornes, Ocarlina,  
Teus cabellos com a rosa,  
Que a da face nacarina  
Torna-te mais graciosa.

Este, de menos estima,  
Não-me-deixe tam formoso,  
Talvez mais fiel exprima  
Algum conceito amoroso.

E quando de ti ausente  
Eu pene, minha beldade,  
Une a teu collo innocente  
A symbolica saudade.

Porém agora que be'jo  
Este teu candido peito,  
Aproveita-te do ensejo,  
Adorna-o c' o amor perfeito.



## EU TENHO MAIS GLORIA.

Não busco mais gloria,  
Não quero outro amor ;  
No bem que m'inflammo  
Consegue a memoria  
Triumpho maior.

ANTONIO JOSE'.



CABO  
Que armado  
E ousado  
Correu  
A duro  
Conflicto,  
E invicto  
Volveu :

Si a patria  
A' imigos  
E p'rigos  
Salvou,

Decante  
Façanhas  
Tamanhas,  
Que obrou.

Que importa  
Tal gloria  
Na historia  
Ganhar?  
De um louro  
Virente  
A frente  
Adornar ?

Eu tenho  
Mais gloria,  
Victoria  
Maior ;  
Consigo  
Um desejo  
N'um be'jo  
De amor !



## A SUPPLICA.

Desprezara a ternura  
Das bellas flores no risonho prado ;  
Alegre e namorado  
Me verias . . . . . em novos gyros  
Exhalar mil suspiros,  
Roubando em tua face melindrosa  
O doce nectar de purpurea rosa.

SILVA ALVARENGA.

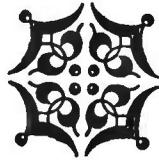
**S**i a diva mão suprema  
Em flor te transformasse,  
Do almo amor emblema  
A rosa te igualasse :

Eu supplice pedira  
Que então meu ser mudasse,  
E em zeph'ro, que respira  
Tam brando, me tornasse.

Em tôrno a ti somente  
De dia vagaria,  
Em teu seio contente  
A' noite dormiria.

E assim pois mais corada,  
Qual ora vas ficando,  
Irias, flor amada,  
As mais assoberbando.

Então eu n'esse ensejo  
Diria : « — O' flor que estimo,  
« Recebe este meu be'jo,  
.. De amor sagrado mimo ! »



## A INDIFFERENÇA.

Tornarei a ver-te minha,  
Que feliz consolação !

GONZAGA.

▲H parece que tudo  
Contra mim se conspira !  
— O pezar me assoberba — a dor me prostra ;  
    Negra melancholia  
Me adormece em seus braços denegridos ;  
— Meu pensamento se emmaranha e perde  
    Nas trevas do infinito !

Mas que me importaria  
Toda a do mundo cholera sanhuda  
    Contra mim indisposta  
Si me inda amasses terna e docemente ?  
— O teu candido amor me bastaria  
Para lhe oppôr á furia desabrida ;

Teu riso a despertar-me  
Do lethargico humor que me intorpece ;  
Tuas meigas palavras a adoçar-me  
Os pezares, as dores,  
E nos teus olhos lendo o meu destino,  
Não me perturbaria  
O horrifico futuro.

Como n'uma hora tudo se transtorna,  
E como tudo, ó ceos, é tam mudavel !  
Julgava-me ditoso;  
Com triumphante pé eu ja sonhava  
Deter a roda da fortuna avara,  
E fixar meu destino.

Oh que dentro da nuvem,  
Que doura a luz do sol serena e grata,  
Repousa a tempestade !

Sou qual debil arbusto  
Que florido no campo se mostrava,  
Rugiu a tempestade... e la por terra  
Suas flores cahiram ;  
Eis chega o outoinno — nem um pomo brota !

Assim vazio todo jaz meu peito ;  
Oh nada mais me resta  
Para o outomno da vida !

Ocarlina, ó ingrata !  
 Teus olhos para mim indifferentes  
 Ind'hontem amorosos,  
 Tuas roseas faces para mim bem tristes,  
 Ind'hontem tam risonhas,  
 Denunciam em ti fatal mudança !

Explica-me o que quer dizer tudo isso !

Alma desta minh'alma,  
 Si soffres, si padeces  
 Por que me occultarás a dor, a pena ?  
 Serão ellas tamanhas  
 Que as não possa lenir ? — Pois bem, contigo  
 Eu chorarei teus males ;  
 Serão-te a chaga do rasgado peito  
 Bálsamo grato o pranto de meus olhos,  
 Que lagrymas alheias  
 Consolam-nos a dor, a propria pena :  
 Mostra-me o coração ; em suas paginas  
 Ler quero por mim mesmo ;  
 Deixa me penetrar os teus segredos ;  
 Não m'ó cedeste tu, não me diceste :  
 « E' teu meu coração, é teu ; — eu te amo ? »  
 São palavras de amor que não se esquecem !

E não ves que padeço,  
 Que este estado me é tão doloroso ?

E para que me deixas  
 Assim entregue a tantas incertezas?  
 Si mais tu me não amas  
 Empunha, empunha chammejante ferro,  
 E vem com elle espedaçar-me o peito!  
 Verás em borbotões ferver-me o sangue  
 E em rouxas espadanas entornar-se,  
 Delir-se o coração á magoa extrema,  
 E extremo soffrimento  
 E um ai si quer me romperá dos labios,  
 Nenhum signal de dor hão de notar-me  
 Refrangido nas faces.  
 Que pensas? — Que insensivel me hei tornado?  
 Não, ó minha Ocarlina;  
 E' que meu coração curte e padece  
 Dor a que dor jamais me tem chegado,  
 — A tua indiferença!

Si tu não mais me amas,  
 — Si n'esse coração, tão meigo outr'ora,  
 Não ha mais para mim que fel, que odio;  
 — Si n'esses olhos namorados, bellos,  
 Não ha mais para mim que indiferença;  
 — Si n'esses labios que eu beijava d'antes,  
 Não ha mais para mim que expressões tristes;  
 Sê generosa, o — desengano — da-me!  
 — Fios de teus cabellos delicados,  
 Em que meus dedos dextros percorriam;

— Flores de teu jardim, que te furtava  
A's odorosas negrejantes tranças;  
— Cartas de amor — de amor caras reliquias,  
Que commemoram dias de ventura,  
Eu te restituirei ; — nada me reste,  
Nada me reste teu mais que a lembrança  
— De gratas horas — dos folguedos cáros,  
De mil penhores — de graciosos ditos,  
De almos desejos — de anhelados furtos !

Quero — myrrhar-me no verter das lagrymas !  
— Asphyxiar-me no conter da magua,  
— Aniquilar-me no soffrer da pena,  
Morrer, e morrer todo  
Sem um nome si quer deixar na terra !...

Inda te amo, ó bella !  
Inda te amo !... Adeus !... Inda te amo !  
Serei feliz se ainda ver-te minha !  
Se me diceres inda que me amas !





## VEM !

Vem ! Vem,  
Que em ti amor aguarda  
Todo o meu bem !

C. M. DA COSTA.

**T**u me dizes meiga e bella,  
Quam singella,  
Que de amor terna paixão,  
Em que tanto me ateára,  
Se apagára,  
Que é so gèlo o coração :

Tu me dizes que esqueci-te,  
Que fugi-te  
Para mais te não buscar ;  
Que esta alma, ó minha vida,  
De esquecida  
Té deixou de te estimar !

Sim, é certo, porém podes  
Si me acodes  
Outorgar-lhe o antigo ardor ;  
Vem lenir-me pois o peito,  
Tam affeito  
A cruel amarga dor !

Vem de pressa, vem formosa,  
Como a rosa,  
Quando vac o seio abrir ;  
Vem correndo, que meus braços  
Serão laços  
Para eu n'elles te cingir !

Vem lembrar-me da ventura  
Que doçura  
Na montanha (1) já me deu,  
Quando a chamma dos desejos  
Nos teus be'jos  
Mais e mais então ardeu.

O Carioca, que tombando  
Vem soando  
Sôbre as pedras se quebrar (2),

(1) O Corcovado.

(2) Na Cascata do Carioca ou Mãe d'água.

Nem si quer, a sede ardente  
Vehemente  
Ah nos pôde mitigar !

Oh que sitio que era aquelle !  
So por elle  
Passo a vida a suspirar ;  
Vi alli a selva em flores  
Meus amores  
N'esse dia coroar.

Oh que sombra ! Que frescura !  
Que doçura  
Tem a lympha, qual crystal !  
Em teus braços respirando,  
Vi gozando  
Paraiso sem igual !

Vem de novo, vem formosa,  
Como a rosa,  
Quando vae o seio abrir ;  
Vem ; — aqui tambem saudosa  
Preguiçosa,  
Vejo a lympha a se espargir.

Vem ; — aqui tambem ha flores,  
E odores  
Para o terra e para o ar ;

E na curva e branca praia (1)  
 Lá se espraia  
 A gemer queixoso o mar !

Vem ; — aqui jasmins e rosas  
 Olorosas  
 Formam nossa habitação ;  
 Cresce aqui macia gramma,  
 Que recama  
 De esmeralda o fresco chão.

Brilha a lua ? — Não importa,  
 Luz tão morta  
 Não nos póde atraíçoar ;  
 Olha, aqui tanta frescura,  
 Sombra escura,  
 Sabem a amor encantos dar.

E o gigante alcantilado, (2)  
 Recostado,  
 Não nos deve apavorar ;  
 E' o monte que de pedra  
 Sempre medra  
 Ganabára a vigiar (3).

(1) O Botafogo.

(2) O Pão de Assucar.

(3) A cidade tam impropriamente chamada do Rio de Janeiro.

Mas, ó ceos, foi em teu peito  
Que o effeito  
Se extinguiu do doce amor !  
Nem se quer aqui te inflammas !..  
Ja não amas ?  
Que vingança, que rigor !





## A ARAGEM DA NOITE.

Ah si ao menos seu nome ouvir pudera  
Entre esta aura suave, que respira !

C. M. DA COSTA.



ARAGEM, branda aragem,  
Doce filha da noite,  
D'onde vens tam suave e perfumada ?  
Por que jardim passaste ? — Dize, aonde  
Colheste esses odores ?  
— Oh ja sei d'onde vens, eu te conheço !  
Vezes mil em meus labios te surriste,  
Roçaste vezes mil em meus cabellos,  
Vezes mil entreguei-te carinhoso  
Phrases de amor — queixumes de ternura !...

Nada me trazes ?— Nada confiou-te  
Minha terna Ocarlina ?  
Nem si quer um sorriso,  
Que viesse quebrar-se em minhas faces ?  
Nem si quer um suspiro,  
Que viesse tremer em meus ouvidos ?

E nem si quer um beijo  
Que viesse ameigar-me esta existencia,  
E adoçar-me a aridez de mil tormentos ?

Tu não a viste meiga se sorrindo  
No festim do anno bom, entre os convivas ?  
A voz desprenderia dos mimosos  
E nacarados labios ?

Qual seu canto seria — alegre ou triste ? —  
— Alegre, sempre alegre !

Sobre o teclado ebúrneo do piano  
Seus dedos saltitando

Gratos, divinos sons extrahiriam ?  
De jubilo ou tristeza ?  
— De jubilo somente !

E eu sempre suspiroso !  
No festim do prazer sou viva imagem  
De dor e de silencio !  
Sempre para chorar hei prompto o pranto,  
Sempre para chorar tenho um motivo !  
E qual abutre, que jamais se ceva,  
Negro pezar o peito me devora,  
Mas tu, ó leda socia da alegria,  
Sempre para te rir has prompto o riso,  
Sempre para te rir has um motivo !

Tu folgas, Ocarlina ;  
Os prazeres te embalam carinhosos,

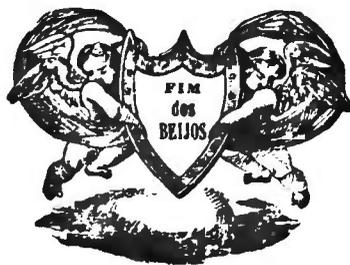
Quando a dor me apunhala ;  
 A voz sonora magestosa sóltas,  
 Quando eu gemo e suspiro ;  
 Entre as caras amigas teces danças,  
 Quando eu me desalento,  
 Quando sinto da morte o frio hálito  
 A face descorar-me,  
 E congelar-me o sangue,  
 E escurecer-me a mente,  
 E perturbar-me todo !

Aragem, branda aragem,  
 —Grato bafo da noite — como es meiga  
 No prepassar tam brando !  
 Como gemes suave  
 Entre a basta folhagem das nogueiras,  
 Harmonisando o canto da saudade  
 Com o sussurrar das vagas !  
 Tu me não ves todo abysmado em dores,  
 Todo affogado em pranto,  
 E repassada de cruenta angústia ,  
 Como sosinho jazo ?  
 Tu me não ves saudoso suspirando  
 Pela terna Oearlina ?  
 Pois toma sôbre as azas sussurrantes  
 Estes ternos suspiros,  
 Magoados e tristes,  
 Como a onda que expira em branca praia,

Como o tremido arrulho da pombinha  
Que o innocente consorte — em mal — perdôra !

Oh ! dize-lhe, aragem,  
Que ternas saudades  
E anciedades  
Matando me vão ;  
Dize-lhe o que soffro,  
Por quem so suspiro,  
Que n'este retiro  
Sou todo afflicção.  
Sim, dize-lhe, aragem  
Fagueira e tam mansa  
Que ella por lembrança  
De meu terno amor,  
E por dever grato,  
Um beijo me mande,  
Que adoce, que abrande  
Minha triste dor.

BOTAFOGO, 1842.



# **ARMIA**

**Dulces guerras de amor y dulces paces.**

**L. GONGORA.**



## AO ANJO DE AMOR.

Anjo celeste  
Que da vida os tormentos acalma !

MAGALHÃES.

**Q**UANDO tudo era bello e pomposo,  
E entre astros a lua a brilhar,  
Puro o ceo — todo azul — luminoso,  
Alva a noite de frouxo luar.

— E era a aragem tam cheia de odores,  
Repassando no lago a sorrir (1);  
E, zunindo fagueira entre flores,  
Vinha grata os perfumes haurir.

— E era a terra tam linda e amena,  
Com mil lumes festivos a arder,  
E do lago na margem serena  
Iam mastros de flores s'erguer.

(1) Nictheroy.

— E era o lago tam manso, e brilhava  
Com estrellas nas ondas de anil,  
E da margem ardente mostrava  
Pelas aguas mil lumes e mil.

— E era o ar ruidoso, abrolhando  
Flores cem quaes a terra produz,  
E essas flores, no lago tombando,  
Uma luz encontrava outra luz.

— E era noite de pura alegria,  
— E era noite de encantos e amor,  
— E era noite de pura harmonia,  
Que soava em divino louvor.

E eu a vi ! — E seus finos cabellos,  
Negros fios de conta sem fim,  
Lhe cahiam nos hombros tam bellos,  
Mais polidos que o branco marfim !

Eu a vi ! — E era grato de vel-a  
Alva roupa odorosa trajar ;  
Branca rosa não é, não, tam bella,  
Nem tem tanto perfume a exhalar !

Eu a vi ! — E sua voz tam suave  
Foi aos sons do alaúde se unir,  
E senti no meu peito mais grave  
Chamma ardente de amor influir !

Oh é ella ! Oh é ella, que em sonhos  
Se mostrava radiosa ante mim,  
E tornava-me os dias risonhos  
De ventura e prazeres sem fim !

Sim, é ella, esse anjo radiante,  
A mulher que eu só via a scismar,  
E da lua ao clarão, sombra errante,  
Ante mim vaporosa vagar !

Oh meu anjo de amor, vem me inspira,  
Si consentes que eu cante de amor,  
No alaúde mais grato que a lyra,  
Quero erguer-lhe perenne louvor.

Quero amal-a, adoral-a ! Em meu peito  
Tenha altar, tenha culto e oblação,  
Pois que a ella ja todo subgeito  
E' do bardo o fiel coração.

Cantarei meus amores ditosos,  
E meus hymnos serão seu louvor,  
Gloria e fama deixando a invejosos,  
Eu so quero os influxos de amor !

Ah vem, pois, vem a mim, vem tocar-me  
Com teu facho tam cheio de luz !  
Vem de amor puro e santo abrasar-me  
Com teu fogo em que a vida transluz !



## O BAILE.

.....Como é pura,  
Entre as virgens como é bella !

J. E. OTTONI.

Tanti cuori amor piglia, fere e ancide  
Quanto ella o dolce parla, o dolce ride.

A. POLIZANO.

### I.

 is o templo do baile ! A arte e o gôsto  
Aqui as mãos se dão !  
A pallisandra, a prata, o ouro e o mármore  
Rivalisando estão !

Por doricas columnas, que sustentam  
Esse ceo de ouro e luz,  
Pendem festões das mais vistosas flores  
Desabrochando a flux.

Tapetes, que o luxo ao chão rojára,  
São qual florido chão,  
Que indifferente o pe passando calca  
Por mera ostentação.

Como astros aqui — luzes e luzes  
Reflectem dos crystaes,  
Nos dourados tremós de palissandra  
Brilhando mais e mais.

Reina pelos semblantes a alegria,  
Reina a satisfação ;  
Reina a bella desordem ; — oh como é bella  
No baile a confusão !

A! confusão se augmenta — soa a orchestra,  
Eis o mago signal,  
Que excita tudo ao movimento, á dansa  
Com prazer sem igual.

Eis a dansa ! — Que bello se entrelaça  
Este fermoso par !  
Que garbo aqui nos ademans, nos gestos,  
No brando e doce andar !

O' musica suave, ó dom divino,  
Tu es mago condão !  
Aqui pões tudo em grato movimento,  
Pões tudo em viva acção !..

## II.

Oh aqui não se ama! — Aqui se adula ;  
Aqui recebem honras da belleza  
Damas que em seu favor so apresentam  
Pompa, ostentação, luxo e riqueza.

Parvos campam aqui de mui sabidos ;  
Agudezas affectam no que dizem ;  
Zombam discretas ; — nescias acreditam,  
E ao raro ingenho seu, loucas, bemdizem !

E talvez, que por mim passando, notem  
— O como sou aqui a tudo estranho,  
Que tam somente a *ella* com meus olhos  
Dissimulado busco e acompanho !

So eu como apartado d'esses grupos  
Amo em meu coração triste e captivo,  
— So eu silencioso acolho e prézo  
Um riso, que si quer nem eu motivo.

So eu, errante, sem que mesmo o queira,  
Sigo-a de sala em sala, a contemplando,  
Ja vendo um gesto, ja colhendo um dicto,  
Ja um mover de olhos meigo e brando.

Como vae esta joven tam formosa !  
Esta outra como é simples, como é bella !  
Mas *ella* um não-sei que tem de belleza  
Que me faz delirar, morrer por ella.

Doce simplicidade é seu adôrno,  
Rainha dos jardins, mimosas flores,  
As tranças lhe embellezam, inda mais negras  
Que os lindos olhos seus encantadores.

Amará ella a esse com quem dança ?  
A esse que a conduz pausadamente,  
A cujos dictos mostra pelas faces  
A abrir-se, como flor, riso innocente ?

Não, não ; não o acredito ; embora o ame,  
Não o pensarei jamais ; quero illudir-me,  
Quero enganar-me ... como é doce o engano !  
So elle póde de meu mal lenir-me.

Oh amasse-me ella ! Que ditoso,  
Que ventura p'ra mim ! Esta harmonia,  
Que soa tristemente em meus ouvidos,  
Muito mais que de amor p'ra mim seria.

O coração então todo abrasado  
Sentiria outra vida, outra existencia  
De gozo mais real, de amor mais puro,  
Que não esses, que fruo na apparencia.

Si eu pudesse tambem dansar com ella...  
Mas como? — Indifferente dansaria,  
E esta mão, que arde e escalda em densa febre,  
Ainda indifferente tocaria.

Si eu pudesse roubar-lhe aquellas flores...  
Si sobre o coração as collocasse...  
Talvez, porém, pensasse as ter perdido,  
E, vendo-as no meu peito, as desprezasse.

Ah pudesse eu dizer-lhe « — Vós sois bella! — »  
Ah pudesse ajunctar « — Bella, eu vos amo! — »  
Mas por fria lisonja tomaria  
O louvor desse amor em que me inflammo.

Não, não ha gesto, nem olhar, nem riso,  
Nem palavra de amor que amor expliquem,  
Os corações se entendem, muito embora  
Em presença um do outro mudos fiquem.

Eu a amo e assaz e sem que o queira ;  
Cego, em vão a razão á amor opponho;  
E ella me ama tambem ! Ella me ama !  
Ou eu não vivo então, é tudo um sonho !

## III.

Cessa a orchestra docemente,  
Morre a dansa brandamente,  
Eis completa a confusão,  
Confusão cheia de encantos  
Para um triste coração,  
Que segue prazeres tantos  
Ainda que o queira ou não.

Baile ! — Palavra tam grata,  
Que tam doce se desata  
E vae no ouvido soar  
D'essa cheia de attractivos,  
Que é digna de um terno olhar,  
Que tem livres por captivos,  
Qu'ella sabe desprezar !

Oh como se deslizando  
Vae alegre caminhando  
Toda esta multidão !  
A garbosa mocidade,  
Cheia de vida e acção,  
Mostra o riso e amenidade  
Que lhe vem do coração.

Sigamos tambem, sigamos ;  
Caminhemos; vamos, vamos  
Perdido na confusão :  
N'este magico passeio  
Busquemos a distracção,  
Goze rapido recreio  
Meu tam triste coração.

Escutemos !... Ah la soa  
Na torre o bronze que atroa  
Com agoureiro dobrar !  
Ja ao repouso convida  
Os lassos de trabalhar  
Que amanha na mesma lida  
Terão de continuar.

Mas aqui brilha a alegria,  
Mas aqui so reina o dia,  
Mas aqui so o prazer ;  
Aqui o doce movimento  
Mais e mais a recrescer ;  
Aqui o contentamento,  
Que fim não parece ter !

#### IV.

Sentemo-nos aqui. — D'esta janella  
Gozarei pura a brisa, que bafeja

Tam suaves odores ! Brilha a lua  
Por entre nuvens de que surge agora.  
Repousa em somno essa cidade immensa (1)  
De palissandra, de granito e ouro,  
Embryão, que será inda Ninive !...  
Miséria, pompa, corrupção, virtude,  
Dormem alli por sob aquelles tectos !...  
Nas chavenas de rica porcelana,  
Esmaltada de ouro e azul, retine  
A argentina colher ; suave aroma,  
Que saboreia o chim nos seus palacios,  
Nem me enleva si quer ! Oh d'essa taça  
Se expande o grato odor, que enleva, encanta,  
Da baunilha e cacáu ; — doces delicias  
Do avarento hespanhol, roubado aos Incas  
Com a patria e liberdade ; e sempre doce  
A formosa Andaluza, a flor de Hespanha,  
Pela hiberna manhan, sobre a sotéa,  
Quando os olhos distende ao vale, aos montes,  
Revolvendo na mente os pensamentos  
De seus sonhos de amor ! Aqui se ostentam  
Do ligeiro Francez o luxo e o gôsto  
Nas chinezas bandejas, que recamam  
Flores tam bellas como as mesmas flores.

A' valsa ! — Ja por toda a parte soa  
A suave, expressiva melodia

(1) A cidade do Rio de Janeiro.

Do sem rival Strauss ! Prazer do baile,  
 Tu, seductora valsa, te deslizas  
 Por esses teus salões de que és rainha,  
 Ora em doces meneios graciosos,  
 Ora em largos, ligeiros movimentos,  
 Porém sempre qual, és sempre lasciva !  
 Sigamos. — O prazer cansa, fatiga.  
 Não sois assim, domesticos recreios,  
 Socios meus tam queridos ;— Poesia,  
 Doce e magica fada, que me encantas,  
 Que me pões a vagar horas inteiras  
 Por essa região da phantasia ;  
 — Livros, amigos mais fieis, mais certos,  
 Que esses que occultam corações traidores !  
 Ao bulicio do riso affluem, acodem,  
 E a sos nos deixam si nos deixa o riso !...  
 — Flores cuidados, á manhan e á tarde,  
 Formosas bellas, inconstantes sempre,  
 Que vingaes e murchaes n'um mesmo dia !  
 — Solitarios passeios — por saudosas  
 Praias do ermo, e vales e montanhas  
 Que de eterna verdura se matizam ;  
 Pela gruta, que o mar cavou na pedra (1),  
 Onde em eterno carpir brame ou suspira,  
 Ou o impelle o tufão ou a aura o increspa,  
 Gratas vagares por serenas ondas

(1) Itapuca em Icarahy ; ja la não existe!

Entregue á um batel por mortas horas,  
Quando a lua caminha entre as estrellas  
Nas aguas se mirando, ouvindo ao longe  
N'essa nova Veneza (1) onde fagueira  
Surri-se a natureza em seus encantos,  
A repetir o echo a outros echos  
Divinos sons de merencoria frauta.

Sigamos estes grupos de formosas  
Damas e cavalheiros, que caminham,  
Que voltam a sorrir tam meigas sempre !  
E *ella*? Em vão a busco, em vão, perdida  
Por essa confusão multiplicada  
Por dourados tremós, que neoramizam  
Novos salões que animam novos grupos,  
Assim tambem aqui triste vagueia  
Perdido o pensamento alheio a tudo !

E' *ella* ! E' *ella* ! — Seus formosos olhos  
Nada fixam jamais, qual mariposa  
Errante em torno a luz, vagueiam, correm  
De um o outro extremo ; seus sorrisos,  
Como ondas, que por sobre o mar se espraíam  
Em leve e branca e enovelada espuma,  
Ledos lhe morrem pelas niveas faces,

(1) Ilhas do Mocanguê grande e pequeno, Cajú, Vianna, Honorio, Engenho, Cachimbão, Conceição, &c.

Salpicando-as de rosas ; negras tranças  
 Prendem flores mimosas ; docemente  
 Movem-se aquelles candidos vestidos  
 A cada passo seu. — Eil-a que segue  
 Tam junto a mim!—Passou ; nem si quer viu-me!

## V.

Aqui retine o ouro,  
 Aqui perde em recreio,  
 Em jogo, em vil desdouro  
 O barbaro senhor ;  
 — O ouro, que ganhado  
 Por misero captivo  
 Ah verterá quebrado (1)  
 Seu sangue e seu suor.

Amanhan, recostado  
 No seu divan macio  
 De damasco bordado  
 A sesta passará ;  
 E á voz que lhe supplique  
 Chorada, escassa esmola,  
 Talvez que irado fique,  
 Que o somno turbará !

(1) Allusão á moeda que quebrou S. Francisco de Paula

Mas na adversidade  
Será inda arrogante ;  
Sem ter pia humildade  
Para ir-se a mendigar ;  
Ha de ao pobre thesouro  
Do triste que trabalha  
Roubar-lhe todo o ouro,  
E a vida lhe roubar.

Ditoso o que innocente  
Isempo está do vicio,  
Que tam suavemente  
O bom conduz ao mal ;  
O vil o ambicioso  
Arrisca-se no jogo,  
E todo o ambicioso  
Arma-se do punhal.



Eis porque vago aqui por entre os vivos,  
Qual sombra errante merencorio e mudo ;  
Conviva de um festim p'ra mim extranho,  
Sou estranho ao bulicio, ao jogo a tudo.



## CONFISSÃO.

.....Io t'amo, io mujo  
D'amor per ti.

SILVIO FELLICO.

Amar formosos rostos acredita

T. A. GONZAGA.

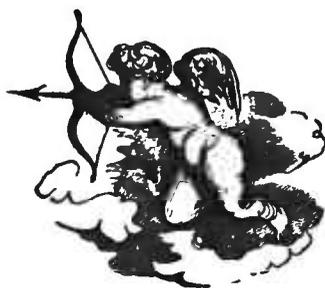
**P**ORQUE estou triste ?

Queres saber ,  
Por que estou triste  
A padecer ?

Si eu revelar-te  
O meu pezar,  
Ao revelar-te  
Has de pasmar.

Ainda puro  
Teu coração...  
Ainda puro  
E' sem paixão.

E eu no entanto  
Sou todo ardor....  
E eu no entanto  
Te voto amor !...



## EU TE AMO!(1)

Tengo.....  
Una alma para adorar-te.

CALDERON.

u te amo! — A tua imagem  
Me acompanha a todo o instante;  
Dize si teu **peito** amante  
Tambem me vota affeição.

Attende-me, ó bella Armia,  
Responde-me: — Sim ou não?

O' de minha triste vida  
Grato nuncio de bonança,  
Tu es a minha esperanza,  
Serás a consolação!

(1) Impressa em 1843 no **ESPELHO FLUMINENSE**: o Sr. F. de S.  
N. a poz em musica e deu-a como sua!...

Attende-me, ó bella Armia,  
Consulta o teu coração.

Tudo, tudo o que possúo  
A teus pes eu deposito ;  
Si acceitas, ja não exito  
Em te offertar minha mão.

Attende-me, ó bella Armia,  
Ah não me digas que — não !



## AO CORAÇÃO.

..... Amor l'inspiri  
In guisa, che sospiri  
Si dolcemente, che mercè m'impetre.

F. PETRARCA.

—E dize então maviosamente :  
“— Raro e leal foi o amor seu,  
Meu foi, meu todo inteiramente,  
E si inda existe ainda é meu ”.

J. A. DA CUNHA.

 EU coração desgraçado,  
E' baldio o suspirar,  
A ingrata si ama mostra  
Não saber o que é amar !

Palpitas, porêm debalde,  
Abraza-te, mas em vão ;  
Não mais te resta a esperança,  
Resta so resignação.

Vel-a, é ainda mais querel-a ,  
Amal-a, e sua isempção ?  
Adoral-a, é ser injusto  
Dar cultos a ingratição.

A ingrata tudo despreza ;  
Sem amor p'ra teu amor,  
Não tem um ai em seu peito,  
Que corresponda a tua dor.

E entretanto suspiras,  
Que é baldado o suspirar,  
A ingrata si ama, mostra  
Não saber o que é amar !

Vae-te pois, ó desditoso,  
Cansado ja de gemer,  
Frio, gelado de morte,  
Sob a lousa te esconder.

Mas inda a fé do que foste  
Te hão de ver palpitar ;  
Inda em tórno do sepulchro  
Te hão de ouvir suspirar.

Então talvez que sensivel  
Um ai solte ella tambem,  
Chore o mal a que deu causa,  
Deplore o passado bem.

Possa esse pranto vertido  
Repassar-te, ó coração,  
Para que então conheças  
Que amaste, mas não em vão !





## SO TENHO RESIGNAÇÃO.

Love and life are for to-day.

PRIOR.

Il n'est qu'un temps pour les douces folies.

PARNY.



s dias da tua infancia  
Ja passaram, ja la vão,  
Como da flor a fragancia  
Nunca mais reverterão.

Ves a flor desabrochada  
Como o tufão a esfolhou?  
Mas que importa a furia irada  
Ao botão que lhe ficou?

Tua existencia é de flores,  
De flores goza a estação;  
Minha estação é de dores,  
So tenho resignação.

O meu passado é a morte,  
O meu presente é a dor,  
O meu futuro uma sorte,  
Problema consumidor !



## MEU TORMENTO.

Più fiero core.  
Del tu non vidi,  
Non senti amore.

METASTASIO.

**S**UBLIME perfeição da natureza  
O ceo , e o ar, e o mar, e a terra, Armia,  
Se uniram a resumir com primazia  
Em ti todos os dotes da belleza.

E o ceo dice : «—Para os olhos bellos  
» Eis as minhas estrellas luminosas;  
» E para as suas tranças graciosas  
» Cedam-lhe os anjos meus os seus cabellos. »

E o mar dice : « — P'ra as faces purpurinas  
» Dou-lhe o nacar das conchas reluzentes,  
» E p'ra os dentes as perolas luzentes,  
» Que rólo avaro em minhas agoas finas. »

E o ar dice : «—Para a voz divina  
» A, que colho em mil sons, diva harmonia ;  
» E p'ra o halito o odor que noite e dia  
» Absorvo das flores da campina. »

E a terra dice : « — Para o lindo peito  
» Tenho o alabastro que em meu seio encerro ;  
» E para o coração o duro ferro,  
» Por que nunca de amor sinta o effeito. »

Armia — tam cruel ! — eis meu tormento  
Surda a meus ais, isempta de brandura,  
A par d'essa belleza e formosura  
Possues, ingrata, um coração cruento !...



## VACUO NO CORAÇÃO.

Il laisse un vide affreux.....  
Et la place qu'il occupait  
Ne peut être jamais remplie.

PARNY.

Aymons donc, aymons donc; de l'heure fugitive  
Hâtons-nous, jouissons !  
L'homme n'a point de port, le temps n'a point de rive,  
Il coule et nous passons !

A. DE LAMARTINE.

**O** MINHA Armia querida,  
Goza do tempo de amor,  
Que depois so resta a vida  
Para o pezar, para a dor.

Um vacuo existe profundo  
Em teu meigo coração,  
— Innocente, pudibundo,  
Qual a rosa inda em botão.

A tua infancia é passada,  
Grato tempo encantador !  
Chega a mocidade amada,  
Grato tempo seductor !

E o vácuo que ora existe  
Em teu puro coração  
Verás cheio, — alegre ou triste  
Que eis hi de amor a estação !

Mas, passada a mocidade,  
O vácuo apparecerá ;  
Como na primeira idade  
Amor não existirá.

E pois, Armia querida,  
Goza do tempo de amor,  
Que depois so resta a vida  
Para o pezar, para a dor.



## LAGRYMAS.

Eu não conto, mas chóro, e vae chorando  
Comigo amor de ter-me assi obrigado  
Em parte tal, que nem a elle é dado  
Valer-me em mais que de ir-me consolando.  
Vae-me sempre ante os olhos figurando  
Aquella formosura, em que elevado  
Ha tanto que ando, e assi com meu cuidado  
Me vou traz ella em fim triste enganando.

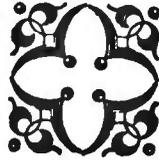
A. FERREIRA.



Com minhas lagrymas tristes  
Estes sitios vou regando,  
Pois que somente chorando  
Acho allivio a minha dor :  
Oh quem nunca se dobrasse  
Ao duro jugo de amor !

Vivia eu satisfeito  
Contente de minha sorte,  
Sem que desejasse a morte,  
Sem que temesse-lhe a dor :  
Fui feliz ; não conhecia  
O duro jugo de amor !

Mas hoje? — Tudo mudou-se !  
Eu adoro a ingrata Arnina,  
E ella, ó ceos, esquivava e fria  
Não conhece a minha dor !  
Desgraçado hoje supporto  
O duro jugo de amor.



## A MARIPOSA.

La luz escassa de funesto fuego,  
Triste de mi que sigo temeroso  
Que el poder de mis ojos deja ciego;  
Y emulo de la incauta mariposa.  
A su volcan me entrego !

J. IGLESIAS.

**M**INHA linda mariposa,  
Ardilosa,  
Vae nas chammas te crestar ;  
Vae findar, triste abrasada,  
Namorada,  
Nesse lume a scintilar.

Tu de louca tens a fama,  
Tal te chama  
O que vive sem ardor ;  
Sem sentir no terno peito  
Doce effeito,  
Que produz fallaz amor.

Ah so eu, so eu te invejo,  
E desejo  
Como tu no fogo arder !  
Mas que fogo ! Que tu o visse,  
Resistisse  
De querer n'elle morrer !

São dous olhos feiticeiros,  
Dous luzeiros  
Mais brilhantes que um pharol !  
— Negros — bellos — expressivos,  
Tam activos,  
Fulgem mesmo a luz do sol.

N'elles pois arder quizera,  
E morrêra  
Satisfeito sendo assim ;  
Que prazer ! oh que ventura !  
Que de çura  
Ter n'aquelles olhos fim !

Porêm veda a sorte o gôzo  
Duçoroso  
De uma morte tal lograr !  
E não devo deshumano,  
Qual tyrano,  
D'essa dita te privar.

Minha linda mariposa,  
Ardilosa,  
Vae na chamma te crestar ;  
Vae findar, triste abrasada,  
Namorada,  
N'esse lume a scintilar.





## APARTAMENTO.

Victima de un amor irresistible,  
Ve aqui mi situacion, esta es mi sorte!

G. M. DE JOVELLANOS.

**A**H fuja-se de amor! Que me aproveita  
Amar sem ser amado?  
Suspirar, delirar sem lenitivo?  
Viver sempre em cuidado  
Do cuidado que adoro a todo o instante?  
Venha a prezada ausencia  
Entrepôr-se, que lá, a sós, distante,  
Em meu triste retiro  
— Buscarei me esquecer de seus encantos,  
De seus mil attractivos;  
— Buscarei me esquecer de seus olhares,  
Que no volver suave,  
Captiva os corações mais insensíveis,  
E os peitos enternece.

La de sobre o penedo (1) que formoso  
    Sobeja ao mar què o cinge  
De alvas flores, que á noite phosphoream,  
    Quaes ricos diamantes,  
— A sombra do coqueiro que embalança  
    O cocar magestoso ;  
— Ao sopro ameno d'aura que cicia ;  
    Ouvindo a onda que geme  
Na curva, branca, solitaria praia,  
    Rebelde aos attractivos,  
Rebelde aos mil encantos da belleza,  
    Não mais no alaúde  
Suspirarei de amor ! — Facil se esquece  
    Um coração ingrato !  
O tempo que apasiga os sobresaltos,  
    E nas profundas chagas  
Balsamo grato mui benigno verte,  
    Hade cedo trazer-me  
O esquecimento, que ora em vão repelle  
    Suspirosa a saudade.

Insensível então, como ella ha sido,  
    Ver-lhe-hei os negros olhos,

(1) Ha por toda a ilha de Santa Cruz, que outros chamam do Honório ou da Velha, e ja poeta houve que intitulou-a dos Amores, uma das mais pittorescas da bahia de Nictheroy, rochedos por sobre o mar convenientemente adornados de assentos, e ensombrados por frondosas arvores ; á um desses me refiro.

— Ver-lhe-hei as faces de jasmims e rosas  
 Onde brincam sorrisos,  
 Como o sôpro da brisa sôbre as flores,  
 Que o vale afformoseiam ;

— Ver-lhe-hei mais ainda o alvo collo  
 Suave palpitando,  
 Como a palmeira altiva da montanha  
 Das auras emballada ;

— Ver-lhe-hei, mas em vão, que aquelles olhos  
 De amor jamais se volvem ;  
 Que aquellas faces exprimir não sabem  
 A amorosa ternura,  
 Que d'alma si quer lhe reflectisse ;  
 Que aquelle garço collo  
 Occulta um coração como que feito  
 De rocha, que resiste  
 Ao vento, que cruel bramindo a açoita,  
 E ao mar, que em furia a assalta ;

Então na minha lyra sonora  
 Brado erguerei possante ;  
 Irei, longe de amor e da belleza,  
 Novos, sonoros hymnos  
 Entoar aos heroes da patria amada,  
 Seus feitos exalçando.

Vamos pois, alaúde deleixado,  
 Mais terno que ditoso  
 Gemer na solidão do patrio ermo,

Que á calma nos convida ;  
La de sobre o penedo que soberbo  
Sobeja ao mar, que o cinge  
De alvas flores, que á noite phosphoream  
Quaes ricos diamantes.



## ROSA BRANCA.

O fiel imágen sua peregrina!

F. DE RIOJA.

La verginella é simile alla rosa,  
Che'n bel giardin, su la nativa spina

L'aura soave, e l'alba rugiodosa,  
L'acqua, la terra al suo favor s' inclina.

L. ARIOSTO.



BRANCA ROSA

Odorosa

Emblema es do meu amor ;

Minha Armia

A porfia

Segue o teu exemplo, ó flor.

Meigo e brando

Te roçando

Geme o zeph'ro matinal ;

Não carinhos,

Mas espinhos,

So encontra — ainda em mal.

Tambem ella,  
Meiga e bella,  
Attractivo e encanto tem ;  
Tambem ella,  
Tam singella,  
S'arma esquiva do desdem.

Desmaiada,  
Descorada,  
Que serias sem odor ?  
—Mas es pura,  
E n'essa alvura  
Emblema es do casto amor.

Tambem ella  
Por ser bella  
Louvor em meu canto tem ;  
E so tantos  
Mil encantos  
Compensam de seu desdem !



## VOLVE.

..... Amor é gran deleite ;  
Dobra-se a dita com dobrar a chamma  
Nos peitos que amor une estreitamente ;  
Tem so uma alma quem amor não sente,  
Tem duas quem bem ama.

F. MANOEL.

**V**OLVE para mim teus olhos,  
Quero ler o meu destino ;  
— Volve para mim teus labios,  
Da-me um sorriso divino.

Não digas que — me não amas,  
Pois teus olhos m'o affirmaram,  
Pois teus labios purpurinos  
De tudo me confirmaram.

Coloram rosas tuas faces !...  
Era incerto o dia ainda,  
Mas surge de rosa a aurora,  
Que a incertez do dia finda.

O' bella, esconder não podes  
Essa abrasadora flamma,  
Que existe onde amor existe,  
E que o coração te inflamma.

Vestal sejas d'esse fogo,  
Alimenta-o generosa ;  
— Sem amor que vale a vida ?  
— E' qual sem perfume a rosa !

E' serie de mil tristezas  
— Em que se chora o passado ;  
— Em que o presente é tormento,  
Que nos traz amargurado ;

— Em que o futuro se envolve  
Em denso veo luctuoso ;  
— Em que tudo é um problema,  
E' um mysterio horroroso.



## NÃO?

**O**H que receio  
Que me atormenta !  
E o mal se aumenta,  
Penando vou !  
E ella é tam linda,  
E ella é tam bella,  
Que so por ella  
Morrendo estou.

Seu alvo collo  
Voluptuoso  
Bate ancioso  
E inspira amor :  
A voz suave  
Qual harmonia,  
Traz alegria,  
Desterra a dor.

Seus negros olhos  
Me captivaram  
Pois me inflammaram  
O coração ;  
Seus ledos risos  
Quando se abriram,  
Ah me extinguiram  
D'alma a afflicção !

Terna, sensível,  
Ella me ama,  
Pois que se inflamma  
Por mim de amor ;  
Sensível, grata,  
Por mim suspira,  
E ser aspira  
De seu cantor.

Quero por tanto,  
A meu desejo,  
Cedendo ao pejo,  
Pedir-lhe a mão ;  
Porêr receio  
Que ella estremeça,  
Impallideça,  
E diga : — Não !..



# E EU TE AMO !

Olvidar-te? — Ai mis ojos ! Eso no.

T. DE IRIARTE.

Si pois amor ordena  
Que adore essa belleza,  
Será minha firmeza  
Eterna em te adorar.

ANTONIO JOSE?

**P**ARECE-ME, linda virgem,  
Que me não podes amar ?  
Não será livre teu peito  
Para amor me tributar ?

Não será ? — E eu te amo,  
E é teu meu coração,  
Sancto altar, em que minh'alma  
Te dedica adoração !

Não será? — E esses teus olhos  
Tam puros e angelicaes,  
De que sou por ti amado  
Estão me dando signaes!

Os labios, ó bella Armia,  
Fallam as vezes em vão,  
Mas os olhos nunca mentem,  
Que de amor os orgãos são.

Teus olhos são soes fulgentes,  
Teus labios igneos rubins,  
Tuas faces duas rosas  
Salpicadas de jasmíns.

Tua voz toda harmonia,  
Todo innocencia o fallar,  
Teu sorrir todo candura,  
Todo clemencia o olhar.

E es toda um puro anjo  
De lindez e perfeição,  
A quem eu tributo tudo,  
— Alma — vida — coração!

E tu me dizes, Armia,  
Que me não podes amar,  
Que livre não é teu peito  
Para amor me tributar!

Anjo do ceo, tu baixaste  
A' terra p'ra allivio meu ;  
Bem de estima, como nunca  
O ceu a terra cedeu !

Sim eu deixarei de amar-te,  
Deixarei de te querer...  
Um dia... apoz um momento...  
No instante em que morrer !..





## TEUS OLHOS.

Fermosos olhos claros,  
Não me sejaes avaros,  
Olhae com liberal vos foi o ceo  
Da luz que me negaés,  
Que não vos peço mais.

D. BERNARDES.

Solo per lei tornai da quech'i' era,  
Poi ch'i' sofferşi gli occhi suoi da pressò.

F. PETRARCA.

### I.

**T**eus olhos tam puros — tam negros — tam bellos  
So luzem de amor ;  
Meus olhos tam tristes — tam negros — singellos  
So choram de dor.

Teus olhos alegres, divinos, brilhantes,  
Resplendem ahi de instantes a instantes,  
São mesmo dous soes ;

Meus olhos tam tristes — tam sem alegria,  
Nem luzem a noite, nem luzem de dia,  
Funereos pharoes !

Teus olhos são vagos — são falsos — trahidores  
Se encontram os meus ;  
Meus olhos são meigos — fieis amadores  
Se buscam os teus.

Teus olhos são vivos ; — a luz que resplendem,  
E os raios, quaes setas, que as vezes desprendem,  
Amor so te deu ;  
Meus olhos são mortos ;—a vista fugiu-me,  
E a noite lethal ja quasi cingiu-me,  
A luz me morreu !

Teus olhos enganam, illudem, offuscam,  
E folgam mui bem ;  
Meus olhos sinceros enganar não buscam  
Jamais a ninguem.

Teus olhos são ledos ;— si moves um riso  
Brilhantes, fagueiros, eu logo os diviso  
Tam cheios de ardor ;  
Meus olhos são tristes ;—si quero sorrir-me  
As lagrymas sinto no peito cahir-me  
Geladas de dor !

Assim doce brisa nas ondas correndo  
    As ve se sorrir,  
E as folhas e os calis das flores pendendo  
    Ve gotas cahir !

Eu amo teus olhos a faltas affeito,  
Eu amo teus olhos que accendem nos peitos  
    Ardente vulcão ;  
Eu amo teus olhos tam cheios de enganos,  
Eu amo teus olhos — ardentes — insanos —  
    Traidores quaes são !

## II.

O marinheiro  
    Tem a sua ilha,  
Toda a maravilha  
De seu terno amor :  
    Sente prazeres  
    Si a descortina  
Na undosa campina  
Surgindo, qual flor.

    Tem o amante,  
    Longe da bella

No ceo uma estrella,  
Que jaz a mirar;  
    Mas si uma nuvem  
    Lhe o brilho turba,  
Tambem o perturba  
Cruento pezar.

    Tem o tropeiro  
    De sobre a estrada  
A arvore copada  
De sua affecção,  
    La onde goza,  
    Sombra e doçura  
E agua e frescura  
E alma viração.

    Eu que te amo  
    Tenho teus olhos,  
Que vibram a molhos  
As settas de amor.  
    Depois da ausencia  
    Como são bellos !  
O meu peito ao vel-os  
Oh é todo ardor !...

## III.

Oh quem me déra os olhos teus gozar  
Assim, cheios de amor, accesos lumes,  
— Elles — que são os unicos meus numes,  
— Elles — que eu sei na terra idolatrar !

Quizera retratar-me em os olhos teus  
Dia e noite, a teu lado, nos teus braços,  
Provando amor em tam estreitos laços,  
Logrando a luz que não possuem os meus !

Quizera ! — Eu fôra então do prado a flor,  
Que os raios da manhã desabrochando  
De novo esmalte vae-se matizando,  
E frue, como mortal, do doce amor !

Quizera ! — Eu fôra o patrio sabiá;  
Que aos arreboes do renascente dia  
Saúda com mil hymnos de harmonia,  
Como canção celeste a Jeovah !

Quizera ! — Eu fôra a lympha qual crystal,  
Que da bella Tyjuca vem cahindo,  
E em lago, a luz nas ondas reflectindo,  
Espelha em si painel que é sem igual !

Quizera! — Mas avara és por demais  
Da luz que amor contigo repartira,  
Que não ves quem por ella em vão suspira,  
Ardendo nos teus olhos divinaes !

## IV

Quando teus labios  
Negam que eu seja  
Negam que eu seja,  
Por ti amado,  
Ah dous traidores  
Que negros são,  
Os desmentindo  
De pressa vão.

São taes trahidores  
Teus meigos olhos  
Teus meigos olhos,  
Tam seductores,  
Que a todo o instante  
N'um so volver  
De amor captivam,  
Fazem morrer.

Queres matar-me  
Com esses olhos,  
Com esses olhos  
A enganar-me ?  
Se me confessas  
Jamais amar  
Esses teus olhos  
Deves fechar.





## QUEIXUMES.

La tristissima voz al ayre dando  
Voy cantando mis queixas desusadas.

L. DE CAMÕES.

UE não seja ella a rosa  
De formoso e lindo seio,  
Onde em hora alma e amorosa  
Dorme o orvalho em doce enleio ;  
    Que eu não seja  
Como o orvalho matinal !  
    Que eu não veja  
Minha sorte a sua igual !

Que ella seja como a rosa,  
Que se arma so de espinhos ,  
Que regeita desdenhosa  
Te do zephyro os carinhos !  
    — E que eu seja  
Como o zeph'ro matinal,  
    — Qu'eu so veja  
Aggravar-se mais meu mal !

Que não seja ella a estrella.  
Que no mar serena e grata  
Coruscante amena e bella,  
Se espelhando, se retrata :  
    Qu'eu não seja  
Nos meus olhos como o mar,  
    — Que a não veja  
Nos meus olhos se espelhar !

Qu'ella seja como a estrella,  
Que ao gentil dia fugindo  
Entre nuvens se ennovella,  
Presurosa se sumindo :  
    — E que eu seja  
Como o dia a despontar,  
    — E que a veja  
De mim tanto se esquivar !

Que não seja ella a brisa,  
Que do alvo lyrio os ardores  
Ternamente suavisa,  
E em paga lhe haure odores :  
    — Qu'eu não seja  
Como o lyrio a fenecer,  
    — Que so veja  
Mais e mais meu mal crescer !

Qu'ella seja como a brisa,  
Que inconstante em tarde estiva  
Por um lago se desliza,  
Geme elle e ella se esquivava :  
    E qu' eu seja  
Como o lago p'ra gemer,  
    — E que a veja  
Do meu mal escarnecer !

Que não seja ella a fonte  
Que suspira, que murmura,  
E que desce do alto monte,  
E c'o mar la se mistura :  
    — Que eu não seja  
Como o mar para a fruir,  
    — Que a não veja  
A meus braços leda vir !

Que ella seja como a fonte,  
Que correndo sussurrante  
Foge ao seio do alto monte,  
Ou irada ou terna amante :  
    — E que eu seja  
Como o monte a ver fugir,  
    — E que a veja  
A meus braços se eximir !

Que não seja ella constante,  
Que não ame a quem lhe ama,  
Como leda e branda amante  
Que de amor toda se inflamma :  
    Que eu não seja  
Infiel, falso amador,  
    — Que não veja  
Como vingue a minha dor !

Que ella seja qual amada  
Insensivel — fria — esquivã ;  
Que não sinta de abrasada  
Qual eu sinto chamma activa :  
    — E que eu seja  
Tam fiel, terno amador ;  
    — Que a não veja  
Premiar-me tanto amor !...



## SIM !

Co' a tua boca mimosa,  
Côr de rosa,  
Da-me um sim, um sim de amores !

M. DE A. PORTO-ALEGRE.



AE-TE receio  
Per um momento ,  
Vae-te tormento  
Consumidor ;  
Brilhe a verdade,  
Rompa-se o arcano,  
Fuja o engano,  
E falle amor.

O que quer diga  
O desgraçado  
O acobardado  
Meu coração ;  
Pois tudo quanto  
Hoje emprehende  
Ah so depende  
De — sim ou não — !

Armia, Armia,  
Alma constante,  
Escuta o amante,  
Que falla assim :  
“ — Tu serás minha,  
“ — Muda-me a sorte ;  
“ — Ou dá-me a morte,  
“ — Ou dize — Sim ! ”



## MAIS PURO E' MEU AMOR.

Qual cosa hai tu, che non sia tutta finta?  
S'apri la bocca, menti; se sospiri,  
Son mentiti i sospir; si movi gli occhi,  
E' simulato il guardo; in somma ogn'atto  
Ogni sembiante, e ciò che'n te si vede,  
E ciò che non si vede, o parli, o pensi,  
Ovada, o miri, o pianga, o rida, o canti  
Tutto é menzogna.

J. B. GUARINI.

 ESGOSTOS, afflicções e amarguras,  
Veneno, amargo fel,  
So provei que si quer libei doçuras  
N'uma gotta de mel!

Eu vi a ingrata, e dentro no meu peito  
Senti amor arder;  
Achei então, ó amoroso effeito!  
Pretexto p'ra viver.

E ella me foi o enlevo, foi-me o encanto  
Do meu doce existir;  
E ella enxugou-me o desabrido pranto  
No meu triste languir.

E eu dice : — « Nesta vida de amargura,  
    « Em que é raro o prazer,  
« Alma consolação, grata doçura  
    « Poz-nos Deus na mulher !

« Ella é como a brisa em tarde esquiva  
    « Suave a murmurar,  
« Ou como o sol hyberno que captiva  
    « No macio abrasar.

« E' como da manhan ás avesinhas  
    « O nascente arrebol ;  
« Ou, fartas do queimar, ás floresinhas  
    « O descambar do sol.

« E' como o arbusto que parece rir-se  
    « Na aberta e linda flor,  
« Soberba de matiz, toda a esvahir-se  
    « Em effluvios de odor.

« E' como a lua quando se apresenta  
    « Por entre estrellas mil ;  
« Ou iris sobrevindo na tormenta  
    « Brilhando em ceos de anil !

« E' como a fonte, que em deserto ardente  
    « A gazella encontrou ;  
« Ou um raio de luz bello e fulgente,  
    « Que entre os gelos brilhou ! »

Porêm horas de amor passam asinha,  
Ah tudo se acabou !  
Na aridez da campina a flor mesquinha  
De pressa se myrrhou !

Não lhe valeu a brisa matutina,  
Soprou fero o tufão,  
E as amarellas folhas na campina  
Lançou em turbilhão.

O que me resta ? — Um coração vasio  
Onde existiu amor !  
— A lembrança de um bem, que como um rio  
Seccou no estivo ardor !

Porque sempre infiel, sempre inconstante  
E' o peito da mulher ?  
Mais firme é a onda, e a aura sussurrante  
Tam varia em se mover.

Meu Deus, Senhor meu Deus, não era impuro  
No amar meu coração ;  
Nem fui aos votos que lhe fiz perjuro,  
Nem Te jurei em vão.

Era do Teu altar que eu esperava  
O laço conjugal ;  
Era de Ti, meu Deus, que eu aguardava  
A bençam divinal.

Si é sina minha amar sem ser amado,  
Viver de ingratidão,  
Deixa morrer-me para sempre heivado  
No peito o coração.

Mas não ; da-lhe, Senhor perseverança  
No seu infido amor ;  
Renasça no meu peito co'a esperança  
O ja extincto ardor.

Juncto da benta cruz eu heide amal-a  
Com o mais sancto fervor ;  
Longe a profanação — com o adoral-a  
Mas puro é meu amor !



## A FLOR CIUME.

De zelos me hace morir,  
Estando muerto de amor!

*Rom. past.*

Não te quero  
Ja murchas e num instante  
Morrerás ó linda flor!

F. J. DE SOUSA SILVA.

**P**OR que, ó minha florinha,  
E' ciume o nome teu?  
Porque, ó triste e mesquinha,  
Esse nome alguém te deu?

— Terás ciume que a aura  
Te deixe por um jasmim?  
Não ves que o odor que ella exhaura  
Somente com elle ha fim?

— Terás ciume que a rosa  
Libe o orvalho matinal?  
Não vês que ha ella formosa  
Largo seio virginal?

— Terás ciume que a abelha  
Seja ao malmequer fiel?  
Não vês que assim lhe aconselha  
O suave e doce mel?

E que és flor sem perfume,  
E em tua azulada côr  
Representas o ciume,  
E na amarella o rancor.

— Ah pousa sobre o meu peito  
Em que o mal já penetrou,  
Conheça a ingrata o effeito  
De todo o mal que causou.

Conheça... ali emmurhecida  
Tuas cores perderás;...  
Ja perdes vigor e vida  
Em breve perecerás...

Oh que em ti bem se resume  
A historia de nosso amar;  
Como tu, nosso ciume  
Não pode instantes durar.

Morre pois, florinha, morre;  
Não deves permanecer;  
Nem minha mão te soccorre,  
Que é grato ver-te morrer!...

## E JURO SER CONSTANTE.

Qual tem a borboleta por costume,  
Que enlevada na luz da acceza vela,  
Dando vae voltas mil, até que n'ella  
Se queima agora, agora se consume ;  
Tal eu correndo vou ao vivo lume  
D'esses olhos gentis.

L. DE CAMÕES.

**T**u dizes que eu te amo,  
Mas que não sou constante,  
Pois qué meu peito amante  
Varia assaz no amor ;  
Tambem a mariposa  
De chamma em chamma adeja,  
Porém em fim chammeja  
Da chamma no queimor.

Eu vi mulher ou anjo...  
Eu vi... e n'um momento  
Prestei o juramento  
De consagrar-lhe amor ;

Assim o passarinho,  
Qual raio refulgente,  
Da prima flor nascente  
Se torna o amador.

Depois vi Ocarlina,  
A visão olvidada,  
A nova e terna amada  
Voltou-se o meu amor ;  
Fui qual a borboleta  
Do prado florescente,  
Que vária, que innocente  
Beija uma e outra flor.

Porêm hoje eu te amo,  
E juro ser constante,  
Bem que o meu peito amante  
Varie assaz no amor ;  
Assim a mariposa  
De chamma em chamma adeja,  
Até que em fim chammeja  
Da chamma no queimor.



## E TU ME AMAS TAMBEM !

P'ra dor nascido  
Não posso ser feliz!

F. J. DE SOUSA SILVA.

**C**ULTOS do coração a ti se devem,  
Cultos do coração a ti consagro.

Oh desde o instante em que te vi, amei-te,  
Fiz-me escravo de amor, a ti rendi-me,  
E alma e vida e coração sagrei-te.

Ah distante de ti não eram dias  
Os dias que eu vivia, porém noites,  
Noites bem noites, cheias de tristeza.  
Tenaz saudade me pungindo a alma  
Me levava a te ver ; — então sentia,  
Qual sinto e sentirei p'ra todo o sempre,  
Mudarem-se em prazeres meus pezares,  
E no volver dos amorosos olhos

Conheci que me amavas e prezavas,  
— Que tinha um coração que partilhasse  
D'este meu coração a dor e a magoa ;  
— Que tinha uns olhos que co'os meus chorassem,  
E uma alma que gemesse com minha alma.

Sim, cada instante da existencia minha,  
E cada pensamento de minh'alma,  
E cada pulsação eu te consagro.  
Maldição sobre mim, inglorio eu morra,  
Abra-se a terra, occulte-me em seu seio,  
Si o amor que te rendo é amor impuro ;  
Si uma so d'essas horas que te sagro,  
Si uma d'essas ideas que te voto,  
Si uma das pulsações que te pertencem,  
De candura não são, nem de innocencia !  
E' que o amor que te hei inda é mais puro  
Que o beijo de anjo em hora em que nascemos,  
E' que eu sei adorar-te, sei amar-te  
Como a um anjo do ceo, uma deidade.

E tu me amas tambem ! — E' que não queres  
Indifferente ser a quem te ama !  
E na verdade duro me seria  
Amar e receber de ti repudios,  
Buscar a vida e deparar co' a morte !

E tu me amas tambem ! — Queres do vate

Partilhar o infortunio, e sua fama?  
Mesquinha esta será, aquelle grande,  
O tempo o mostrará : — destino é esse...

Em mim o que é que vês? — Talento, genio,  
E a aureola da gloria? — Pois bem, sabe,  
— Que esse talento — é fogo que me abrasa,  
E noite e dia me confrange e rala;  
— Que essa aureola de gloria é uma flamma,  
Que me cinge e me escalda toda a fronte;  
— Que esse genio é um anjo ou um demonio,  
Que me arrastra ao abysmo da amargura,  
Primeiro que me eleve aos ceos de gloria!

Eu nasci para a dor ; — sina cruenta  
Me tolhe toda a sorte de ventura :  
Sempre nos labios teus ledos sorrisos,  
Sempre nos labios meus triste silencio,  
E, apezar do contraste, te idolatro,  
Te offerto o coração, a alma te offerto !

Oh todo me esperanço de venturas !  
Não desespero mais — um so momento  
Pode um anno mudar de mil angustias !  
Podem teus risos divinaes, virgineos,  
Sorrisos extrahir d'estes meus labios,  
E o amargor da tristeza affugentando,  
Trazer-me ao coração prazer de vida !

O' minha Armia, ó anjo de minh'alma,  
De ti depende minha vida e dita !  
Co' uma palavra so me outorga a esp'rança,  
Co' um sorriso me da prazer e vida,  
Co' um terno olhar o peito me incendeia !  
O' minha Armia, ó anjo de minh'alma,  
Eterno serei teu, tu serás minha !



## O KALEIDOSCOPIO.

### REMINISCÊNCIAS DA INFANCIA.

Que vale a belleza,  
Que valem amorés,  
Si em nada ha firmeza?  
De que serve a gloria,  
Ganhada n'uma hora,  
Si é tam transitoria?  
Renome e grandeza  
Tudo se evapora !

G. DE MAGALHÃES.

**D**E minha infancia querida,  
O' brinco que tanto amei ;  
Entre as illusões da vida  
Com cedo te abandonei !

— O' kaleidoscopio amado,  
— Minha tam bella illusão,  
— Eu trazia-te gravado  
Na minha imaginação.

A cada volta que davas  
Via formosos jardins  
E mil flores me mostravas  
De brilhantes e rubins.

E minha mãe me dizia,  
Que de uma fada o condão  
Era que tudo movia  
Com tanta fascinação.

Comigo, sosinho, mudo,  
Gozava de prazer tal ;  
E eu pensava que tudo  
Quanto via era real !

Mas oh ! que fatalidade,  
Que mau genio m'o quebrou !  
Adeus fada... Eis a verdade !...  
Tudo p'ra mim se acabou !

Ve, minha Armia querida,  
Tudo na terra é assim ;  
Não ha illusão na vida  
Que asinha não tenha fim.

A gloria é fofa vaidade,  
O prazer termina em dor,  
Até em fria amizade  
A final se extingue amor !

## OS ADEUS.

Adieu! . . . . .  
Te quitter c'est mourir!...

BERANGER.

 Eis ahí o signal! — bate o hora,  
E o momento chegou da partida;  
Mas não chores, ó prenda querida,  
Que esses prantos augmentam-me a dor.

Adeus pois, Nictheroy, para sempre,  
Adeus pois, linda terra de amor!

Antes nunca, ó meu anjo, eu te visse,  
Antes nunca, ó meu anjo, eu te amasse,  
Nem jamais a vencer me chegasse  
Teu olhar divinal, seductor.

Adeus pois, Nictheroy, para sempre,  
Adeus pois, linda terra de amor!

Eu te deixo, ó meu anjo celeste,  
Eu te deixo, ó gentil formosura ;  
Enganosa surriu-me a ventura,  
E fugiu-me—qual sonho traidor !

Adeus pois, Nictheroy, para sempre,  
Adeus pois, linda terra de amor !



## A FLOR SAUDADE

N'UM DIA DE AUSENCIA.

Oye, no temas, y a me ninfa dile,  
Dile que muero.

E. M. DE VILLEGAS.

Oh quem me dera . . . . .  
Em linda flor me mudar  
Para no seio de *Armia*  
Viver contente e espirar!

J. J. DE S. SILVA RIO.

UTR'ORA meu peito  
De flores cobria  
De aroma mais grato,  
Que o d'alma ambrosia ;  
Flores consagradas  
A' fausta alegria.

Mas hoje meu peito,  
Cortado de dores,

Encanto não acha  
Do prado nas flores,  
Que não symbolisam  
Tristeza nas cores.

Longe, longe de mim, vós, que do riso  
    Engrinaldaes a frente,  
Aos dias meus de dita, e de bonança  
A noite succedeu de azedos males.  
O' dourados jasmims que as ferteis plagas  
    Bordaes do patrio ninho ;  
O' fragantes cecens, ó lacteos lyrios,  
    Nascei, morrei no prado  
Myrrhados pelo sopro da borrasca.

\*

Tu rouxa e triste,  
Terna saudade,  
Mostra a anciedade  
Do peito meu,  
Que mil carinhos,  
Meigos olhares,  
Brandos fallares,  
Tudo perdeu !

Nem mais um riso  
Me a face cora,  
Que m'a descora  
Mortal pallor ;

Dentro em meu peito  
 Triste, saudoso,  
 Desventuroso,  
 Suspira amor,

E os meus labios  
 Debeis gemidos  
 Soltando vão :  
 Ah choro a amante,  
 Por quem suspira  
 Na rude lyra  
 Meu coração.

O' saudade, saudade, como é grato  
 E suave o teu nome!  
 Triste, como te symbolysa a rouxa  
 Flor a ti dedicada,  
 Tu inspiras mil canticos suaves  
 Aos ausentes amantes ;  
 Fervido pranto dos sentidos olhos  
 Lhes espremes, e d'alma lhes arrancas  
 Os ais que o ar magoam,  
 E que no ar se perdem,  
 Como o subtil vapor que a brisa eleva  
 De crystalino lago,  
 Ou como a luz que em noite tenebrosa  
 Dispara ardente raio.

Quem ha ahi que ao ausentar-se  
Da terna e cara amante  
Não sinta da saudade o denso fogo  
Rolar-lhe pelas veias ?

Os olhos fendem-se em lagrymas  
E em ais o coração,  
E toda a alma commove-se  
Em tão sentida afflicção.

Então tu, ó florinha amada e bella,  
Tens em seu coração sagrado culto.

Tu que ja foste  
Talvez por elle  
Menosprezada  
N'aquelles dias  
Em que risonho  
Juncto da amada  
Senhor se crendo  
D'aureas venturas,  
Avido ia  
Na phantasia  
— Ja revolvendo  
Gratas doçuras  
— Ja no futuro  
Soffrego lendo  
Doces venturas.

Vida de paz !  
Porêm agora,  
A seu mau grado,  
So amarguras  
No peito tem,  
Que so suspira  
Pelo seu bem.  
E' como a ave  
Que do consorte  
Vaga em procura,  
E ao qual a morte  
Ferrenha e dura  
Roubou a vida  
No grato instante  
Em que da amante  
Se recordando  
Peijava o ar  
Suavemente  
De seu cantar ;  
Cantar tam meigo  
Que de teu vate  
O peito apraz,  
Que de saudade  
Continuamente  
Curtido o traz.

Sim, o peito curtido de saudades  
Constantemente trago ;

Nem mais me encanta a luz do claro dia,  
Que so me apraz a noite,  
— Socia meiga de amor, que os seus mysterios  
Carinhosa apadrinha,  
E os corações consola.

Rouxá saudade,  
Tristonha flor,  
Tu tens o nome,  
De minha dor !

E's merencoria  
No jardim teu,  
Tal sem Armia  
O peito meu !

Zephyro passa  
De em torno a ti?  
Não ; é meu peito  
Que geme aqui !

O' saudade, saudade, flor mimosa,  
Ensopada de meus acerbos prantos,  
Animada por beijos de meus labios,  
Apertada em meu peito tantas vezes,  
Ah quanto não invejo a sorte tua !  
Mais feliz do que eu mais venturosa  
Vae sobre o seio da feliz Armia  
A receber-lhe as lagrymas e beijos.

Dize-lhe, minha saudade,  
Flor symbolica, adorada,  
De minha viva paixão,  
    Quanto sente  
    Lacrimoso,  
    D'ella ausente  
    Tam saudoso  
O infeliz e caro amante,  
    Que delirante  
    A chama em vão.

Vae com meu pranto,  
Ella que o aceite ;  
Não te regeite  
Seu coração.





## A VOLTA.

### PALLINODIA DOS ADEUS.

Charming and charmed, can love from love retire?

SAVAGE.

Vuelve a mis braços,  
Querido doeno!

E. ECHEVERRIA.

**A**H p'ra sempre se esqueça essa hora,  
Que obrigou-me a tyranna partida ;  
A meus, braços vem, prenda querida,  
Vem a chamma apagar-me da dor.

Nictheroy, a ti volto, e p'ra sempre !  
Eu saúdo-te, ó terra de amor !

Não voltára si nunca te visse,  
Não voltára si nunca te amasse,  
Si a viver o meu peito chegasse  
Sem um riso de ti, seductor.

Nictheroy, a ti volto, e p'ra sempre,  
Eu saúdo-te, ó terra de amor !

Eis-me aqui, ó meu anjo celeste,  
Eis-me aqui, ó gentil formosura,  
Pois de novo surri-me a ventura  
Mais fagueira que um sonho trahidor !

Nictheroy, a ti volto, e p'ra sempre,  
Eu saúdo-te, ó terra de amor !



## JA PERDI AS MINHAS FLORES.

**J**A perdi as minhas flores  
No *ecarté* enamorado,  
So me resta escravizado  
Por ti mesmo o coração ;  
— Coração, que é todo amores,  
Dou-te em troco d'essa mão.

Para ornar-te os niveos dedos  
Tenho cheio de labores,  
De brilhantes resplendores,  
De ouro e pedras rico annel ;  
— Da-me um sim em trôco delle,  
Que te juro ser fiel !





## UM MYSTERIO

ANTES E DEPOIS DE MEIA NOITE.

**Ecoutons. — Le timbre sonore  
Lentement fremit douze fois.**

**MME. A. TASTU.**

**Ah le courage est difficile  
Quand on attend d'un mot ou la vie ou la mort !**

**MME. M. DESBORDES.**

 **NDA** a hora não sou ; ainda tudo  
E' profundo mysterio para ella,  
Porêm qual pensamento n'este instante  
Lhe voará na mente innoxia e pura ?  
Seu coração formado pelos anjos  
Como palpitará ? Incerto, ancioso ?  
Saltos inopinados talvez tenham  
Ja lhe denunciado o meu segredo ;  
E quando resoar a hora aprasada,  
Que o veo se rasgue, que o segredo encobre,  
Como lhe pulsará dentro no peito

O coração que candido respira?  
Que pensamento accodirá-lhe a mente?  
Como de novo as minhas letras vendo  
Seus olhos ficarão, seus bellos olhos?  
E quando ella do somno subjugada  
Entregar-se no leito ao almo repouso  
Qual sonho occupará-lhe a fantasia?...

O' estrella que alvejas tam formosa  
N'esse ceo de saphyra, e que nas ondas  
De Nictheroy te espelhas tam brilhante!  
Oh si és por ventura a minha estrella  
Não te ecclipses agora; eia abrilhanta  
Novo, formoso sol á natureza  
E a noite muda em sempiterno dia!

Doure-se o fado meu; troque-se a sorte!...

Bateu a hora!... Ja patente é tudo!  
Ja mysterios não ha, foi-se o segredo!  
O' meu anjo de amor, ah tu lhe inspira  
A palavra que deve ornar seus labios,  
E o porvir decidir de minha sorte;  
— Ou sim — ou não, — o despertar e a morte.  
Meu destino qual é? — Ou vida ou morte  
Para ella o mysterio está findado;  
Para mim o mysterio surge agora!

Flores, flores, que amei inda que murchas,  
Que tinheis de morrer sobre meu peito,  
Perdi-vos, mas que inporta s'inda um dia  
Minhas sereis... e para sempre minhas?  
Eia, ledos volvei ao gentil seio  
D'onde viestes encantar-me a vida,  
— Tam cheia de amarguras e pezares;—  
E o vigor recebei que vos fallece.

Oh si de novo para mim tornasseis!  
Para mim o mysterio se findára,  
Valêrieis um — sim — ou mais ainda!





## AO SABIA'

Em debil ramo, saudoso  
Discanta geme e suspira.

A. A. DE QUEIROGA.

**N**o raminho viridante  
Terno amante,  
Tu gorgeias, sabiá ;  
E entre aligeros cantores  
Dos amores,  
Como tu, igual não ha !

Teu gorgoio sonoro,  
Amoroso,  
E' um hymno ao Creador,  
E pouzado no raminho,  
Juncto ao ninho,  
Tu modulas so de amor !

Assim eu cantando Armia,  
Dura e fria  
De insensível coração,  
Canto e louvo a Divindade  
Na beldade  
Por quem sinto ignea paixão.

Ha nos bosques outrasinhas  
Avesinhas  
Com suas pennas de rubim,  
E de cores mui brilhantes,  
Rutilantes,  
Mas que não cantam assim !

A plumagem que te importa  
Si supporta,  
Teu corpinho a esvoaçar ?  
Si tu tens no terno canto  
Mago encanto  
Para tudo compensar ?

Tal involto em negro manto  
Solta o canto  
Divo bardo á solidão;  
Até mesmo seus gemidos  
São ouvidos  
Quando os dias idos são.

Mas no tumulto dourado,  
Deslembrado  
Pasto aos vermes, o chatim,  
Ja não falla, ja não canta,  
Não encanta  
Com a voz que não tem fim !

Sabiá, cantor de amores,  
Meus louvores  
So tu deves receber ;  
Ricas plumas, pennas de ouro  
São thesouros,  
Que não sei encarecer.

Eia pois cantemos, vamos !  
Sim sigamos,  
Nossa sorte e condição ;  
Mas, ó ceos, emmudeceste ;  
Que tremeste  
Ao soar longe o trovão !

Ah ! tambem cruel destino,  
Mui ferino,  
Ca me acerca de terror ;  
Geme a patria minha amada,  
Magoada ,  
E eu cantar não devo amor.



## AOS AMIGOS.

Brindemos a amor !

J. BONIFACIO.

 s negros desgostos  
De pressa fugiram ;  
La vão, la expiram  
Momentos crueis !  
Momentos tam agros,  
De tanta amargura,  
Adeus ! Que ventura !  
Adeus !... Não volteis !...

De minha ventura,  
De minha alegria  
Ja la raia o dia...  
Ja raia... raiou !  
—Pezares — desgostos  
—Cruentos rigores  
Agora em amores  
Tudo se trocou.

A vida que d'antes,  
Me era pezada,  
Tam amargurada,  
Tam cheia de fel,  
E ora existencia  
De ternas venturas,  
De gratas doçuras,  
De amores e mel.

Os copos dourados,  
Amigos enchamos,  
Amigos, bebamos  
A' Armia, e á amor !  
Os cantos sonoros,  
Os vivas ruidosos,  
Os brindes faustosos,  
Sejam em seu louvor !



## AMA-ME E GOZA.

**F**ELIZ aquelle que por ti suspira  
Ao lado teu, e esperançoso escuta  
Teu coração no palpar dizer-lhe  
“ Ama-me e goza ! ”

Feliz aquelle que em teus olhos lindos  
Lê seu destino, sua sorte adora,  
E por momentos de ineffavel gôzo  
Soffrego espera.

Feliz aquelle que nas tuas faces,  
Qual lenitivo que lhe abrande as penas,  
Ve espraiar-se terna e docemente  
Lubrico riso.

Feliz aquelle que em teus puros labios,  
Ouvindo as fallas que o prazer lhe embebem,  
Liba a existencia no colher-te meigo  
Candido beijo.

Mais feliz inda si em teus niveos braços  
Goza da dita de acolher-se a elles,  
E entre delicias, entre gozos, mimos  
Tacito espira !...



## O MEU DESEJO.

 u me pedes que te diga  
Qual é o desejo meu ;  
E' pedir esse que obriga,  
E eu sigo o preceito teu.

Pensas acaso que almejo  
O que almeja algum chatim ?  
—E' mais nobre o meu desejo  
Tem mais orgulhoso fim.

Pensas acaso que anhele  
Nome e fama conquistar ?  
—De um triste vate singello  
Não vae tanto o desejar.

Desejo, ó prezada amante,  
N'estes teus braços viver,  
E que sejas tam constante,  
Como eu contigo hei de ser.





## SOMENTE AMOR.

Raddoppian le colombe i baci loro,  
Ogni animal d'amar si reconsiglia  
Par che la dura quercia, ' casto alloro,  
E tutta la frondosa ampia famiglia,  
Par che la terra e l'aria e formi e spiri  
Dolcissimi d'amor sensi e sospiri.

T. TASSO.

A cui non arde il cor, se quel fedele  
E passionato core amor compunga?

X. BETTINELLI.

 UEM viver pode  
Quem ha que exista,  
E que resista  
Ao doce amor?

Tudo o que vive,  
E que respira,  
Gozar aspira  
Somente amor.

Empoleirado  
Sobre o raminho,  
O passarinho  
Gorgeia amor.

A flor do vale  
Desabrochando,  
Vae desfructando  
Gozos de amor.

Galerno vento  
Ledo ciccia,  
Sua harmonia  
E' toda amor.

No ceo a gloria,  
No horrendo averno  
Martyrio eterno,  
Na terra amor.

E pois, Armia,  
E' nossa dita,  
Nossa desdita  
Somente amor !



## O MEU DESTINO.

Amar-te é meu destino ; o ser de ti amado  
é minha felicidade.

GONZAGA, *drama.*

**A**LMA bella e carissima  
Amar-te é meu destino,  
Missão sancta e purissima  
Que deu-me o ser divino.

No teu amor angelico  
'Stá minha f'licidade,  
Dom augusto e celico,  
Que peço a divindade.

Igual faça o ceo provido  
O teu a meu destino,  
E então braveje impróvido  
O tempo audaz ferino.

Dos prazeres no cumulo  
Alegres viveremos,  
E inda no frio tumulo  
Junctos nos amaremos.



## HORA DE AMOR.

Mostra il bel petto le sue nevi ignude,  
Onde il foco d'amor si nutre e desta ;  
Parte a par delle mamme acerbe e crude,  
Parte altrui ni ricopre invida vesta ;  
Invida ; ma s'agli occhi il varco chiud  
L'amoroso pensier gia non arresta  
Ché, non bem pago di belleza esterna  
Negli occulti secreti anco s'interna

T. TASSO.

**Q**UE silencio profundo ! Hora é de amores !  
Dorme em braços da esposa o terno esposo,  
Aguarda o amado a suspirada amante,  
Line seu fado, seu pezar mitiga  
O affadigado indiano  
Nos incendidos beijos que lhe outorga  
A ingenua companheira.

— Vem, anhelada Armia,  
Aos anciosos braços que te esperam

Ha tanto desejosos ;  
— Vem, vem, meu lindo amor ; o primo beijo  
Nos labios se incendeia ;  
E' todo o peito meu volcão de chammas,  
Em que de ha muito electrizado arde.

Agora é tudo silencio ;  
Nem si quer a onda muge,  
Nem si quer o vento ruge,  
Nem si quer breme o trovão ;  
Mas por ti de amor s'inflamma  
Suspirando o coração.

O' noiva ! E' meia noite !  
Dispersos se retiram os convivas,  
E a sós, a sós ficamos !  
— Vem ver como de aromas,  
Qual a nave do templo , que se innunda  
De mysticos perfumes,  
Rescende o nosso leito !

Agora é tudo silencio ;  
Nem si quer a onda muge,  
Nem si quer o vento ruge,  
Nem si quer breme o trovão ;  
Mas por ti de amor s'inflamma  
Surpirando o coração.

— Vem, despe as sedas de pezadas galas ;  
     Depõe a pedraria  
 De brilhante matiz, d'igneos labores ;  
     — Depõe essas grinaldas  
 Das flores da odorosa lorangeira ;  
     Mais formosos adornos  
 Benigna te outorgou a natureza !  
 Encantos d'arte, rigorosos trajos,  
 São veos para illusão, que amor desdenha.

Ve como nestas vêas arde o sangue !  
     Meu halito s'inflamma,  
     O coração me pulsa  
 Todo de amor e vida e de esperança,  
 E tu... ah nem si quer o olhar me fitas !  
     Desvias-me teus olhos...  
 —Teus olhos, onde amor fallava outr'ora !  
 —Teus olhos, onde eu lendo o meu destino  
 Intervi no futuro amenos dias,  
 —Amenos dias que gozar ja posso !...

Não vistes como accezos  
 Os cirios scintillavam,  
 Como astros que brilhavam  
 Pelos degraus do altar ?  
 Assim dentro em meu peito  
 Em densa e viva chamma  
 Meu coração se inflamma,  
 Se inflamma p'ra te amar !

Si o collo palpitante  
Chego a tocar-te ousado,  
De amor todo abrasado  
Ah sinto o coração!  
Nas véas me gallopa  
O sangue velozmente,  
Meu halito é ardente,  
Ah sou todo volcão!

E tu, fria, insensível,  
E tu, ó ceo, gelada,  
E tu inanimada  
E's toda timidez!  
Em vão teu bello corpo  
Aromas mil respira,  
Em vão amor te inspira,  
Que és toda languidez!

Que temes? Que receias?  
Que susto mal fundado!  
No templo sagrado  
Tu me diceste « Sim »  
E ante a benta imagem  
Do Deus eterno e puro  
Jurei-te, e inda o juro,  
Amor, amor sem fim!

Pois volve-me teus olhos,  
—Teus olhos seductores,

— Teus olhos matadores,  
Da-me um suave olhar !  
Pois volve-me teus labios,  
— Teus labios nacarinos,  
— Teus labios colombinos  
P'ra um osc'lo te offertar !

O thalamo rescende  
De angelicos odores,  
E sob um ceo de flores  
Bem nos convida a amor !  
Nos abrasados beijos,  
Que aqui nos trocaremos,  
Noiva, nos inflammemos  
De sancto e casto ardor !

OUTUBRO 1 DE 1842.





## A PREFERENCIA.

Amor . . . . .  
Mi prese del costui piacer si forte  
Che, come vèdi, ancor non m'abandoua.

DANTE ALIGHIERI.



QUE te importa o passado  
E meus antigos amores,  
Si tudo tenho deixado  
Por teus olhos seductores?

Entre tanta gentileza,  
Que tem na terra a excellencia,  
Tu, ó anjo de belleza,  
Mereceste a preferencia.

E os anjos registaram  
No ceo nosso juramento,  
E benignos nos fadaram  
Ventura e contentamento.

E a noite dos amores,  
Que tam rapida escoou-se !  
Qual meigo sonho de flores  
Ao teu vate afigurou-se.

Mas ao despertar risonho,  
E ao achar-se nos teus braços,  
Por eterno teve o sonho,  
Adorou tam sanctos laços.

Assim o homem primeiro  
Ne perdido Paraiso  
Despertou todo fagueiro  
Da mulher ao doce riso !

Vivamos, pois, venturosos,  
Nossa existencia de flores,  
E contaremos ditosos  
Nossos dias por amores.



# INDEX

DAS

## MATERIAS CONTIDAS N'ESTE LIVRO.



	PAG.
A sua esposa D. Maria Thereza de Sousa Silva, Dedicatoria	1
O livro de meus amores	9

### VISÕES.

A' amor	23
Anjo ou mnlher?	25
Seu nome?	31
Illusão no amor	33
Sonho	37
Debalde é que a chamo!	39
Si é ella	41
Que farei por te abrandar?	43
E' ella! A' claridade da lua	47
Mas de ti o que é que espero?	53
Ao luar	57
Adeus!	61

### OS BEIJOS.

Os beijos.	67
------------	----

	PAG.
A agora sei tudo	69
O Beijaflor	71
E' tudo um favor	73
Desejo	75
O temor deixa	79
O que é que pretendes	81
Não medeixe .	85
Restituição	87
Não sabia o que era vida.	91
Affugenta-me as magoas !	93
Ventura	97
Eis o signal !	99
Conselho.	101
Eu tenho mais gloria .	103
A supplica	105
A indifferença	107
Vem !	113
A aragem da noite.	119

### ARMIA.

Ao anjo de amor	125
O Baile	129
Confissão.	141
Eu te amo	143
Ao coração	145
So tenho resignação	149
Meu tormento	151
Vacuo no coração	153
Lagrymas	155
A mariposa	157
Apartamento	161

	245
	PAG.
Rosa Branca	165
Volve	167
Não	169
E eu te amo.	171
Teus olhos	175
Queixumes	183
Sim	187
Mais puro é meu amor	189
A flor ciume	193
E juro ser constante	195
E tu me amas tambem	197
O Kaleidoscopio	201
Os Adeus.	203
A flor saudade	205
A volta, pallinodia dos adeus	213
Ja perdi as minhas flores	215
Um mysterio antes e depois da meia noite	217
Ao sabiá	221
Aos Amigos.	225
Ama-me e goza.	227
O meu desejo	229
Somente amor	231
O meu destino	233
Hora de amor	235
A preferencia.	241



## CORRIGENDA.

Escaparam, entre outros, os seguintes erros : pag. 89, verso 21 *Restitue-me* em vez de *Restitue* ; pag. 190 v. 11 *queimar* por *queimor* ; pag. 208 v. 5 *fendem-se* em lugar de *fundem-se*, &c.



## ADVERTENCIA.

Desculparão os Srs. subscriptores por não ser possível incluir a lista de seus nomes neste livro, por não terem chegado a tempo as listas distribuídas pelas pessoas de amizade que disso se encarregaram, patrocinando esta publicação, o que terá lugar em um dos volumes promptos a entrarem no prelo, a fim de não retardar mais a distribuição do presente.

O autor, agradecendo-lhes, espera merecer desculpa.









## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).